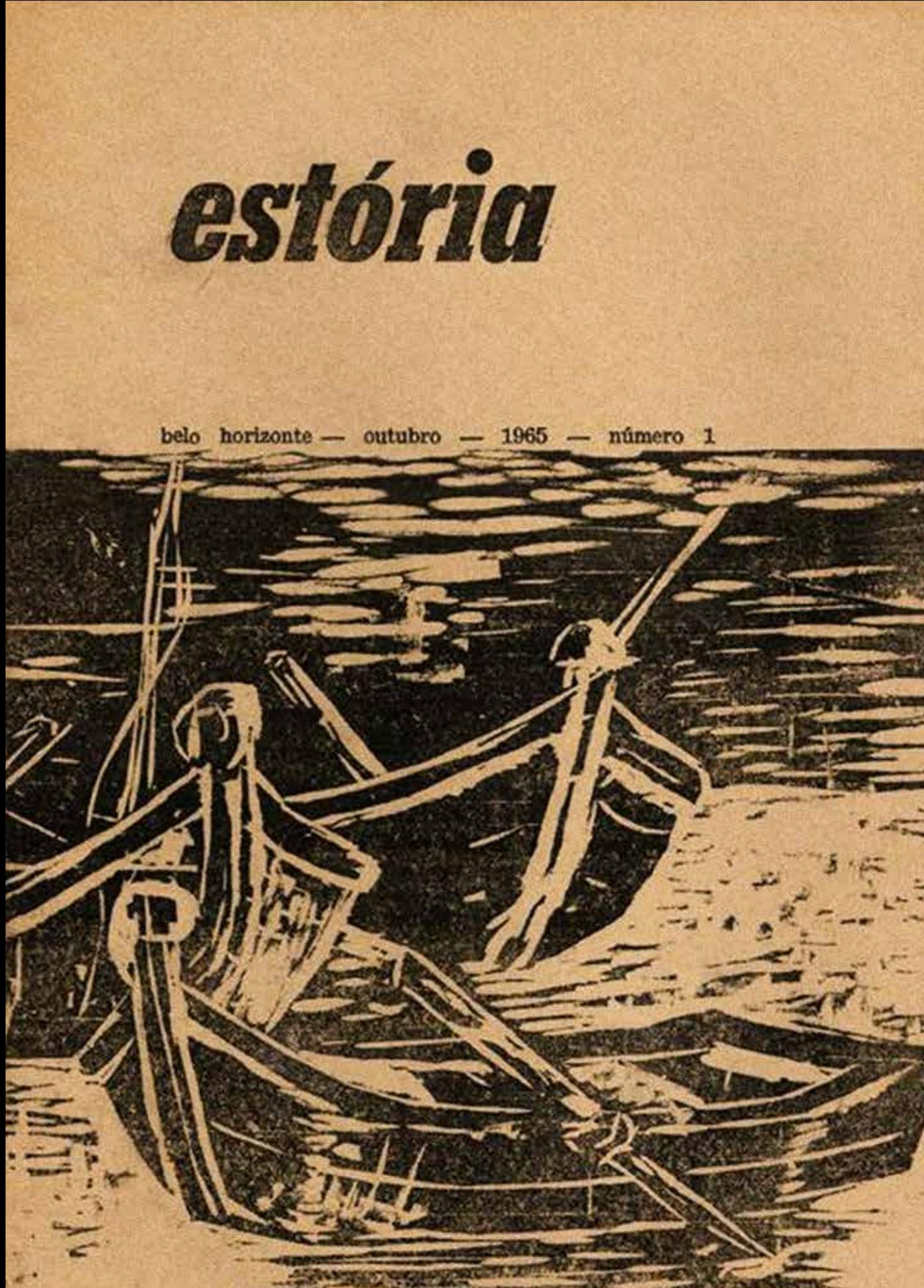


SUPLEMENTO

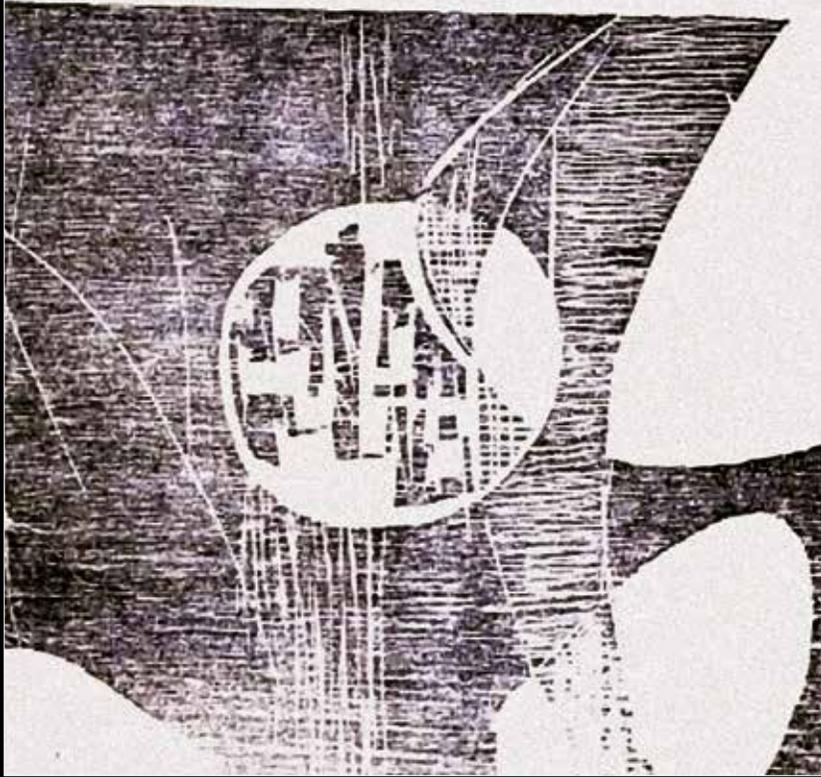
Belo Horizonte, Novembro/2015
EDIÇÃO ESPECIAL
Secretaria de Estado de Cultura

Meio século de Estória



estória - 2

belo horizonte - maio de 1966



estória - 3

belo horizonte - dezembro de 1966



ESTÓRIA: 50 ANOS

LUIZ VILELA

"*Estória pronta*", anotei num diário, em 24 de outubro de 1965, em Belo Horizonte. E acrescentei: "Pelo menos um velho sonho realizado: o de uma revista literária." Eu tinha 22 anos.

Ainda naquela década, mais cinco números da revista foram feitos, ela foi comentada, tornou-se conhecida nacionalmente, e então acabou.

Dos seus participantes, alguns abandonaram depois a literatura, outros sumiram de vista, uns poucos morreram, e apenas dois continuam a escrever e a publicar contos, a marca registrada da revista.

Em 1990 publiquei no Estado de Minas um depoimento, "Há 25 anos nascia *Estória*", contando como ela surgira, como era feita e como acabara. De lá para cá mais 25 anos se passaram, e chegamos a 2015, quando *Estória* completa 50 anos de sua criação.

Para lembrar a data, organizei para o Suplemento Literário, com seu apoio e sua colaboração, este Especial. Aqui estão depoimentos, comentários, cartas, fotos, tudo, enfim, que ao longo de vários meses de pesquisa pude encontrar sobre a revista.

Agora falta somente uma coisa em que há tempos venho pensando: a publicação, por uma editora, em fac-símile e num só volume, dos seis números de *Estória*. Será que eu verei este sonho também realizado?...

AS SEXTAS ESTÓRIAS DOS NOVOS DE MINAS

HUMBERTO WERNECK

OS HEROICOS TEMPOS: NO PRINCÍPIO, ERA A VERBA

Quando Luiz Vilela, Luis Gonzaga Vieira, Sérgio Danilo, José Renato de Pimentel e Medeiros, Fernando Rios e Wanda Figueiredo resolveram fundar Estória, não lhes movia a intenção de fundar *grupo literário*. O que se buscava era um veículo para a produção individual, uma ficção nova que não encontrava acolhida nos jornais de Belo Horizonte. Os contos se acumulavam na gaveta, já desaparecera o Suplemento do "Estado de Minas", onde Affonso Ávila tinha lançado diversos escritores novos em plano estadual.

O problema mais sério era o dinheiro. Problema que se resolveu, precariamente, através de um sistema de autofinanciamento, cada autor desembolsando a quantia necessária à publicação de seu conto. As capas eram de papel-manilha, com xilogravuras. Tiragens de 1000 exemplares, edições pobres e magras, quase cordel, que os autores distribuíam pelo correio à maneira de Dalton Trevisan.

Estória 1 apareceu em outubro de 1965, apresentando os seis contistas fundadores. Daí para a frente, mantendo o mesmo padrão gráfico e o mesmo esquema financeiro, a revista foi, a cada número, introduzindo e substituindo colaboradores.

O grande impulso veio em abril de 1967, quando Luiz Vilela obteve em Brasília o Prêmio Nacional de Ficção do Distrito Federal, que o projetou marcadamente. Foi quando Estória se anunciou "publicação trimestral" e aumentou bastante o seu quadro de escritores. O número 4, lançado em maio de 1967, fechou o primeiro (heroico) ciclo da revista.



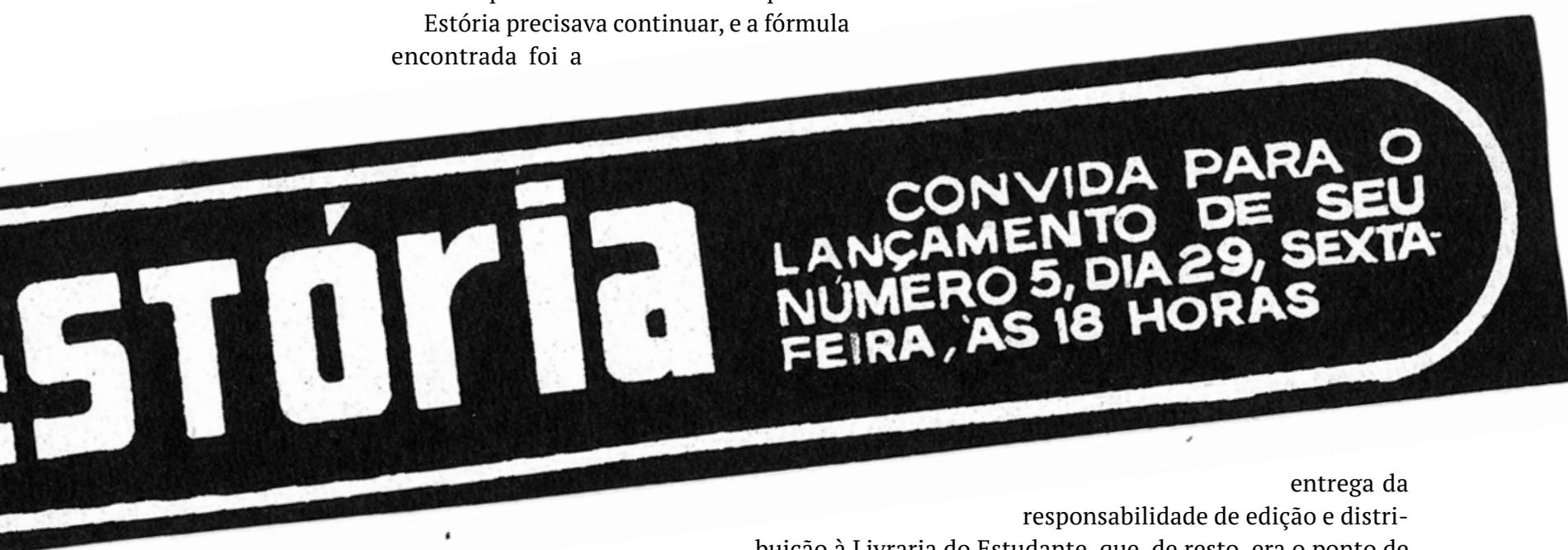
A EXPERIÊNCIA COMERCIAL

O sistema de autofinanciamento, aberração típica de uma terra onde o autor paga para ser editado, punha em risco a continuidade de Estória. Um dos colaboradores chegou a desembolsar 150 cruzeiros novos para a publicação das dez folhas de seu conto.

Mas os problemas não paravam aí: a seleção do material, tomadas de preço, diagramação, a supervisão gráfica e a correção de provas exigiam muito trabalho e uma assistência permanente, nem sempre possível. Isto sem dizer da distribuição, geralmente mal feita, comprometedora dos objetivos da revista.

Depois do número 4, Estória estava estabelecida no movimento literário nacional. Da Revista Civilização Brasileira (nº 14), Néelson Werneck Sodré dava conhecimento dos novos de Minas, e os saudava com entusiasmo. Da Califórnia, Geraldo Sobral — editor para a América do Sul da "Small Press Review" e do "Directory of Little Magazines" — considerava Estória "... a melhor publicação literária do continente sul-americano, um esforço magistral dessa nova geração mineira que deve merecer todo o apoio".

Estória precisava continuar, e a fórmula encontrada foi a



entrega da
responsabilidade de edição e distri-
buição à Livraria do Estudante, que, de resto, era o ponto de
encontro dos escritores novos de Belo Horizonte.

Estória 5, com tiragem de 5000 exemplares e reunindo quinze contistas, foi lançada em plano nacional em março de 1968. A repercussão crítica — pequena como sempre, mas compensadora e vinda dos setores mais honestamente interessados na ficção de vanguarda — veio confirmar a importância da contribuição de Estória.

Em Estória 6 a revista atingiu seu ponto máximo, desde a qualidade literária dos contos até a apresentação gráfica: capa de Álvaro Apocalypse e ilustrações de Nemer, Madu, Márcio Sampaio e Eliana Rangel. Treze colaboradores: Luiz Vilela (autor de *Tremor de terra*, já na segunda edição, e *No bar*, que sairia naquele ano pela Bloch), Josadac Matos, José Renato Pimentel, Sérgio Sant'Anna, José Márcio Penido (autor de *Túneon*), Moacyr Laterza, Glória Maria Vilhena, Sérgio Danilo, Luis Gonzaga Vieira, Duílio Gomes, Walden Carvalho, Jony Bezerra e Manoel Lobato.

O EDITORIAL DO NÚMERO 6

"Estória pretende, além de manter sempre o seu elevado padrão estético, ampliar nos próximos números a área de suas colaborações, conservando-se, porém, o caráter específico da revista que é o de ser dedicado exclusivamente ao conto. Assim é que, além de contos, Estória

passará a trazer também ensaios sobre o conto e sobre contistas, entrevistas, traduções e uma resenha permanente dos últimos lançamentos em matéria de contos. Temos também a comunicar, com satisfação, que estarão presentes em nossas páginas autores nacionais de renome, além daqueles que aqui já estiveram ou estão sempre. Finalmente, atendendo a perguntas de leitores, queremos informar que Estória está aberta a todo e qualquer escritor, esclarecendo-se, entretanto, que as colaborações passam por um exame da direção, que decidirá da sua publicação ou não."

ESTÓRIA & OS NOVOS DE MINAS

Uma vez que as grandes editoras publicam quase exclusivamente os autores consagrados — donos de um público certo e fiel, garantidor de boas perspectivas de lucro financeiro —, é natural que as revoluções mais importantes na literatura brasileira sejam feitas, desde sempre, através de publicações amadorísticas. São revistas e jornais de edição intermitente e existência curta, desde o início ameaçada; livros e antologias auto-financiados e distribuídos de qualquer maneira.

Mas é justamente essa literatura "não-oficial" que marca, com força maior ou menor, o surgimento de novos nomes e ideias: são, ao menos no primeiro instante, publicações revolucionárias. E costumam não passar dessa fase, condenadas que estão ao desaparecimento prematuro. É mesmo tradição na literatura nacional que tais manifestações não ultrapassem o terceiro número.

Os escritores surgidos em Minas a partir de 1963 se afirmaram em *Ptyx*, *Vereda*, *Estória*, *Texto*, *Porta* e *Pró-Textos*, publicações de Belo Horizonte, Do interior de Minas apareceram *Revixta* e *Frente* (Oliveira), *SLD* (Cataguases) e *Agora* (Divinópolis), para ficarmos nas mais representativas.

A maioria morreu logo, mas bastou para que nomes fossem se projetando pela via do livro individual: Márcio Sampaio, Libério Neves, Henry Corrêa de Araújo, Luiz Vilela, José Márcio Penido e mais alguns, afora os autores que não se filiaram a grupo ou publicação, como Sebastião Nunes.

Lançado em janeiro/fevereiro de 1968, o número especial do Suplemento Literário do "Minas Gerais" dedicado aos Novos reuniu e resumiu o trabalho daquela geração mineira. E, como mostra conjunta e panorâmica, abriu debates que levaram à avaliação e situações dos jovens escritores, com perspectivas para o futuro.

Foram colocadas com insistência as questões da viabilidade e da validade das publicações coletivas. Alguns, argumentando que o jornal e a revista têm a função exclusiva de lançar novos nomes, acreditam que é chegada a hora da edição individual. Outros advogavam a necessidade de se manter, prioritariamente, a publicação coletiva. E uma outra corrente pensava em caracterizar o movimento de grupo através do lançamento maciço e simultâneo de livros diversos.

Outro problema, que por uma espécie de "fatalismo histórico" não faltou àquela geração mineira, foi o êxodo de escritores para o Rio ou São Paulo. Porque, para quase todos, Minas não oferecia condições de permanência para quem queria escrever: campo profissional restrito e mal remunerado (inexistente para alguns), o marasmo intelectual, além dos proverbiais tradicionalismos e frieza do povo mineiro.

Deu-se o êxodo: Luiz Vilela, Gilberto Mansur, José Márcio Penido, Fernando Rios. Outros partiriam logo, fugindo do abafamento de Minas e em busca do que Rio e São Paulo ofereciam: atividade intelectual e artística mais intensas e variadas, receptividade, vivências mais amplas e, lógico, bons salários.

HUMBERTO WERNECK

mineiro de Belo Horizonte, jornalista e escritor, era redator do *Suplemento Literário do Minas Gerais*, onde esta matéria foi publicada originalmente. Atualmente é cronista de *O Estado de S. Paulo* e Conselheiro do *Suplemento Literário de Minas Gerais*.

DEPOIMENTOS EM 1968

LUIS GONZAGA VIEIRA: "A FOSSA É GERAL. COMEÇA O ÊXODO"

A publicação de Estória veio animar um pouco a turma nova de escritores. Mas, ao mesmo tempo, mostrou que na província do Brasil e de Minas ainda não há vez para quem quer fazer uma coisa séria. Dizem que Minas é uma terra de vocações literárias, e o mineiro já ficou intoxicado com este chavão, nada mais fazendo a não ser sonhar com essa glória passada e sem qualquer eficácia.

Os novos escritores de Minas, de uns dez anos para cá, tiveram pouquíssimo apoio por parte de quem quer que seja: todos sempre muito dispostos a elogiar, mas ninguém disposto a ajudá-los efetivamente. Houve duas brilhantes exceções: Affonso Ávila, quando dirigia o Suplemento do "Estado de Minas" (fase de vanguarda), deu toda a cobertura possível — e impossível — à turma nova que ia surgindo, tendo lançado praticamente todos os que ainda escrevem. Depois veio o Suplemento Literário do "Minas Gerais", com Murilo Rubião oferecendo oportunidades concretas aos novos. Mas, porque isolados, são esforços insuficientes.

Ainda agora, qual o problema principal para os jovens escritores? É não ter onde publicar. Publicações do tipo de Estória não têm perspectivas de continuidade: faz-se muito esforço, mas não há dinheiro e a disposição da turma está minguando. Mesmo o critério de seleção dos contos de Estória fica às vezes prejudicado por uma série de sentimentalismos. Com tudo o que já conseguiu fazer, a revista sofre também de festividade (mas, no fundo, é melhor "pecar" conscientemente do que omitir-se).

Não bastasse tudo isso, essas condições tão adversas, ainda há a falta de receptividade e apoio da parte do público. São os ingredientes da atual "fossa" dos escritores novos de Minas. Já está difícil publicar contos, poemas, ensaios. Livro, então, nem se fala! E Minas continua dormindo em berço esplêndido, para o pavor dos jovens.

Desse modo, a turma vai se dispersando, não resiste ao fascínio e foge para o Rio ou São Paulo. Muito embora o verdadeiro escritor nasça sob qualquer tempo e circunstância, a partida se impõe porque em Belo Horizonte não há condições de sobrevivência.

O êxodo, o desânimo, o beco — e surge a pergunta incômoda: quem vai sobrar dessa turma toda? Quem vai continuar escrevendo, mesmo sem possibilidades de publicação a curto prazo? Daqui a 10 ou 15 anos — menos, quem sabe? — talvez ninguém mais escreva. Porque, para dois ou três verdadeiros escritores, há uma multidão de diletantes.

MARIA LÚCIA LEPECKI: OS PRÓS E OS CONTRAS

Além de possibilitar a revelação de valores da ficção de Minas, uma iniciativa do tipo de Estória tem uma função social das mais importantes: uma ação educativa junto ao público leitor. Habitando-se a encontrar regularmente uma revista como Estória em qualquer livraria ou mesmo nas bancas jornal, até o leitor mais avesso ao que se chama "literatura" pode, com o tempo, ter o seu interesse chamado para a publicação — e a partir desse momento é muito possível que mais um indivíduo tenha sido atraído para a leitura de incontestável nível estético.

Estória tem, pois, dois tipos de responsabilidades: o de manter, para o seu público, o nível alcançado em relativamente pouco tempo de vida, e o de conquistar novo público entre os leitores potenciais da boa literatura. E aqui frise-se a importância da publicidade que deve acompanhar cada novo número: ela deve saber "pegar" o novo público, o novo comprador, além de preocupar-se em manter o antigo.

Um dos problemas de Estória — e publicações do tipo — diz respeito à periodicidade. A periodicidade implica em prazo marcado para se ter à venda o novo número da revista, sem prejuízo do nível estético. É óbvio que um periódico, por mais literário que seja, tem sempre problemas comerciais, ou seja: é feito para ser vendido. Deve aparecer com regularidade que não permita decréscimo do interesse do público. Em outras palavras: com regularidade que não possibilite a ocorrência de prejuízos. Ora, tal periodicidade rígida pode acarretar um abaixamento do nível estético da publicação. Este, aliás, parece ser um dos problemas de Estória: a diferença de qualidade literária observada entre números diversos, às vezes dentro dos contos de um mesmo número.

A solução seria, então, selecionar os contos. Um conto só existe quando informado por um fato, por uma verdade interna, verdade de natureza a um tempo humana e estética. Sucede que em muitas publicações com Estória se encontram contos que não são informados por verdade alguma, por fato algum, mas que se armam a si mesmos. Meros exercícios de virtuosismo técnico ou linguístico que, se demonstram no autor o estar em dia com tendências estéticas as mais diversas, pecam pela ausência de um dos elementos básicos da literatura: a universalidade dos conflitos humanos.

Selecionar, pois, e observando sempre o nível literário e o interesse humano dos trabalhos. A hipertrofia de um destes dois elementos na seleção de textos leva necessariamente seja ao formalismo seja a uma narrativa em que o interesse humano sobreleva o estético. A já anunciada abertura de Estória a quaisquer escritores deverá ser complementada pela constituição de uma lúcida e rigorosa comissão de seleção de textos.

Outro interessante projeto da equipe de Estória é a publicação de ensaios sobre o conto, entrevistas, traduções e resenhas. Que venham, mesmo, "teorizações" do que atualmente se quer fazer na prosa de Minas e do Brasil. Lembra-me aqui um outro problema: os jovens de Estória, já por muitos e merecidos títulos alinhados entre os melhores da nova ficção nacional, escrevem muito; alguns já têm o que se poderia chamar uma pequena obra como uma nítida linha de evolução. Mas, ao que parece, nenhum deles se debruçou ainda sobre os problemas estéticos que coloca o conto na atualidade, problemas sobre os quais poderiam se debruçar, tanto mais que eles mesmos produzem tais contos. Seria como uma auto-análise, da maior utilidade para se ver o que até agora se fez, e para se colocar uma espécie de prospecção do que ainda se fará, ou se pretende fazer.

SÉRGIO SANT'ANNA: "MAIS UMA GERAÇÃO DE ÓTIMOS JORNALISTAS?"

Estória não é somente consequência da soma arbitrária de algumas vontades ou da aptidão de certos jovens para a literatura. Ao contrário, o surgimento da revista foi mais um transbordar inadiável (com seus aspectos conscientes e inconscientes) da necessidade de uma geração de afirmar-se através da criação literária. E, sobretudo, num momento determinado, num dos mais marcados estados de um país marcado, lançar a visão estético-existencial dessa geração. Não o vanguardismo de princípio, mas uma renovação formal no "conto" a servir o objetivo maior dessa ânsia de renovar-se existencialmente, o que implica, evidentemente, numa atuação sobre a sociedade. Os pesados ônus da carência financeira são, de certo modo, recompensados pelas prerrogativas de independência, o que faz de Estória uma das raríssimas publicações do país onde a liberdade de expressão, essência indispensável da criação artística, é total. Não

se partindo de um "pré-conceito" estético, político ou moral, organiza-se a interessante experiência de uma conceituação *a posteriori*, extraída espontaneamente da prática literária e existencial.

Tendo Estória até hoje se dedicado a divulgar quase que anarquicamente os novos valores, acreditamos que, ultrapassada agora a fase heroico-catártica de afirmação dos jovens escritores, deva a direção da revista adotar uma política de maior severidade na seleção dos trabalhos, a fim de atingir uma linha definida de rigor estético.

Como obstáculo maior à consecução de seus objetivos, defronta-se o grupo com os indefectíveis problemas econômicos, que poderiam, entretanto, ser resolvidos ou minorados através de uma maior agressividade comercial dos editores.

Não menos importante é o problema da "emigração periódica dos mineiros", que atinge, agora, esta geração, ameaçando a coesão do grupo e as possibilidades de realizações coletivas. Fogem, com razão, os novos escritores, da falta de horizontes econômicos e profissionais na cidade, além de representarem estas mudanças uma oportunidade de vivências suplementares. Com a dispersão geográfica, entretanto, concretiza-se esta impotência coletiva, restando a realização de cada um como escritor isolado. Mas como são extremamente difíceis os caminhos da literatura e a vida está aí, plena de outras solicitações, só mesmo aqueles dotados de grande consciência de sua escolha poderão sobreviver. Daí a nítida ameaça de tornar-se esta mais uma geração literária inexpressiva, a fornecer um ou outro bom escritor em meio a dezenas de excelentes e apenas jornalistas, para não dizer outras profissões mais distantes do ato de escrever.

* * *

ESTÓRIA

É LITERATURA JOVEM!



ÊSTES CONTISTAS ESTÃO SEMPRE EM ESTÓRIA

LUIZ VILELA	MARCIA LATERZA	LUIZ GONZAGA VIEIRA	SÉRGIO DAMILO	TEREZINA AZEREDO	J. RENATO PIMENTEL E MEDEIROS
					

E MUITOS OUTROS TAMBÉM — NAS BANCAS E LIVRARIAS



Contistas de Estória em 1968: Humberto Werneck, Sérgio Sant'Anna, Luis Gonzaga Vieira, Luiz Vilela (sentados), José Renato Pimentel, Gilberto Mansur e José Márcio Penido (em pé).

A LUTA

SÉRGIO SANT'ANNA

O

mulato mastigava de boca aberta e espalhava os braços, incomodando. Por baixo da mesa, eu tinha que encolher as pernas, pra não esbarrar nas pernas dele, esticadas, relaxadamente. Já o velho não era nada nem causava transtornos. Apenas um velho cheirando à pinga e sem dentes. Se não estivesse tão perto, se fosse na rua, nem reparava nele. Sentei-me entre os dois porque ali era assim; ninguém possuía só para si uma mesa como nos restaurantes. A gente tomava qualquer lugar e pedia logo a comida, pra não demorar muito tempo. Porque a refeição na cantina não era prazer nenhum, somente aquela massa que enchia o estômago.

Eu vinha todos os dias; vinha do serviço cansado e putado da vida como sempre, depois de andar a manhã inteira carregando a pasta; vinha com raiva de comer a comida da cantina e então parava ali na porta, escolhendo um lugar e me acostumando mais uma vez com a fumaça da cozinha. Um cheiro desagradável, sempre igual.

Mas eu podia não ter ido pra perto do mulato. De cara, parado ali na entrada, vi o jeito dele, confiante e debochado, como se fosse o melhor de todos. Não é que ele olhasse pro meu lado; na verdade não olhava para ninguém. Foi

só o jeito dele, como se estivesse desafiando. Encarei o homem e tive medo; dele e de mim mesmo. Porque comigo é assim: não abaixo a cabeça nem aceito desaforo. Só aguento a mão lá no serviço, pois preciso do dinheiro. Mas puxar saco é que não faço e por isso é que não subo na vida, com a minha competência. Maior do que a de muita gente acima de mim. Aqueles caras lá na cantina, então nem se discute; não são da minha laia.

Mas eu vinha sempre. Era perto do serviço e o preço eu dava conta de pagar. Vinha e ficava um pouco ali na porta, observando tudo. Tanto é que tempo eu tive e cheguei quase a me arrepender. Mas eu sou um cara gozado e teimoso e parecia que as pernas me levavam por conta delas, eu indo em direção à mesa, sabendo que não devia ir mas indo, numa dúvida danada até a horinha de puxar a cadeira. Com tanta indecisão que ia até pedir licença, estava quase pedindo, quando a língua ficou presa. Comigo é assim; já tinha acontecido outras vezes. Fico na dúvida de fazer ou não alguma coisa e o tempo passa e não faço. Ou faço de repente. Como o grito pedindo depressa o meu prato

Falei alto, muito mais alto do que habitualmente, como quem exige respeito, minha voz se destacando no meio das vozes de todos os outros.

O mulato nem se mexeu, embora o grito fosse pra ele, pra que desocupasse o espaço, que ali

estava quem não tinha receio. Ficou do mesmo modo, todo à vontade e espalhado, como se não houvesse gente do lado dele. Só olhou com pouca pressa, divertido e sem medo. E era isso o que eu estava esperando; isso e o velho sorrindo pra mim, intimidado, apaziguando.

O mulato nem se mexeu, embora o grito fosse pra ele, pra que desocupasse o espaço, que ali estava quem não tinha receio. Ficou do mesmo modo, todo à vontade e espalhado, como se não houvesse gente do lado dele. Só olhou com pouca pressa, divertido e sem medo. E era isso o que eu estava esperando; isso e o velho sorrindo pra mim, intimidado, apaziguando. Eu havia começado; então era obrigado a continuar.

Eu havia começado; então era obrigado a continuar. É o que acontece comigo, é engraçado, não sabendo direito se estou ou não querendo uma coisa e às vezes as coisas vão e acontecem na frente e não dá mais pra desistir, embora lá no fundo eu reconheça a besteira. Mas se desistisse o mulato entenderia a retirada; o mulato entenderia tudo. Então dei o berro pedindo a cachaça; olhando pra ele, dei o berro e uma porrada na mesa e os copos e garrafas e pratos tremeram, ele continuando a comer, como se nada tivesse acontecido. Só o velho é que se mexia, incomodando-se querendo atrair a atenção para uma gentileza.

Quando ofereceu a cerveja, peguei ela como um direito certo e nem mesmo devolvi a garrafa. Deixei ela ali do meu lado e isso botou o velho sem graça e descorado de medo. Eu ficando ainda mais nervoso, que a disputa era com o mulato e não queria fazer nada com o velho, mas fazia, não sei porque eu fazia, eu era assim, ficava com raiva de mim mesmo fazendo uma coisa dessas com um cara mais fraco e quanto mais raiva eu tinha de mim mais sacanagens fazia. Igual quando batia na minha mulher. Batia porque ela tinha razão e eu batia e ela chorava e então eu batia ainda mais e ficava com nojo de minha pessoa e se ninguém me segurasse acabava matando ela de tanta raiva que eu tinha de mim.

A coisa toda era com o mulato mas eu punha medo era no velho e bebi a cerveja dele inteira. Depois bebi minha cachaça e pedi uma outra, embora estivesse quente, muito quente, e eu não quisesse tomar cachaça nenhuma. Bebi as duas sem intervalo e não toquei na comida, com um enjoo danado e o corpo todo contraído, esperando. Depois pedi ainda uma outra e fiquei bebendo e olhando pro mulato, que comeu com toda calma e ficou ali palitando os dentes e fazendo um barulhinho com a boca e depois deu um arrote e sorriu satisfeito. Embora eu encarasse ele, ele sorriu satisfeito, sem se incomodar com coisa alguma. Como se eu fosse ninguém e o esporro todo que fazia não chegasse aos ouvidos dele.

A cachaça estava na cabeça, depressa, por causa da barriga vazia. E o mulato palitando os dentes e estalando a língua.

A primeira porrada foi minha. Isto é, joguei a mesa pro alto, de jeito que ela pegasse no velho e no mulato. Mas porrada mesmo foi ele quem acertou a primeira. Eu ouvia ainda o barulho dos pratos e copos e garrafas caindo quando o soco veio direto no olho, de modo que fiquei meio cego e rodava pra lá e pra cá, mal percebendo que todo mundo se levantava e se protegia. Eu não tinha mais equilíbrio e gritava agitando os braços pra ver se acertava alguma coisa quando veio outro soco e fui atirado pra longe e vi que era uma quina de mesa, que eu ia de testa numa quina de mesa, tanto é que fechei os olhos e senti a testa batendo na quina,

nem sabendo se doía, apenas sentindo a ton-tura e passando a mão na cara e adivinhando que aquilo que escorria era sangue.

Foi aí que me desarvorei de verdade, com o sangue escorrendo e melando tudo e aumentando o meu ódio. Então fui de novo pra cima dele, eu estava fraco e fui de teimoso, que já sabia que não levava a menor chance, mas fui assim mesmo, acho até que preferia que o mulato batesse mais, acabasse logo comigo, eu não podia vencer o homem e queria que tudo terminasse de uma vez. O mulato me esperou e vi o pé dele levantado, me acertando na barriga; o pé e uma pancada na cabeça, igual a uma pedrada.

Depois eu estava caído e sem forças, esperando a chegada do mulato, estava caído e com raiva e só não me levantava porque não conseguia, porque se conseguisse ia novamente nele, comigo é assim.

Fiquei uma porção de tempo ali deitado e o mulato não vinha mais, eu esperava e ele não vinha, ele agora estava junto do balcão e conversava e ria com o gerente da casa, o gerente puxava o saco dele e ele não vinha mais, que agora já estava satisfeito e tinha até dois soldados na cantina e todo mundo ria e comentava a briga, apontando pra mim e pra ele e fazendo gestos, explicando. Os soldados não faziam nada, só impunham a presença, misturados com o pessoal em volta de mim.

Aquele tempo todo eu continuei deitado e só depois é que fui me levantando aos pouquinhos e foi quando passei a língua nos dentes e vi que faltava um, um ou dois, havia ali no meio deles um espaço vazio, eu podia até ter engolido os dentes e isso me deu outra vez nos nervos e sacudi assim a cabeça pras coisas voltarem pro lugar. Me levantei rápido e peguei uma garrafa na mesa, nem sei direito como foi, me levantando de surpresa e indo na direção do mulato e gritando que eu arrebatava ele, que eu matava o filho da puta. Parti com raiva para cima dele e um soldado e depois o outro me segurou, de modo que fiquei sem movimento nenhum, só olhando pro mulato que até virava as costas de indiferença, e eu continuei gritando que me soltassem que eu quebrava a cara daquele safado, mas eles me prendiam os braços com força e eu

somente podia gritar que me largassem, porque se estivesse solto pegava o filho da puta e tirava minha forra, que eu não levo prejuízo pra casa. Eu chorava e o soldado torcia meu braço, ele ia partir o meu braço, eu senti que ele estava gostando de fazer isso. Eu chorava de dor e de raiva e de vontade de acertar o mulato, que comigo é assim, queria acabar com ele, queria acabar com tudo, mas só podia ficar ali chorando e me debatendo e gritando que queria pegar aquele filho da puta. Porque se eu pegasse, desta vez ele se arrependia. Porque comigo é assim.



SÉRGIO SANT'ANNA

carioca de nascimento, iniciou sua carreira literária em Belo Horizonte nos anos 60 e aqui residiu até 1977, quando retornou ao Rio de Janeiro. É autor de vasta obra que inclui romances, contos e poesia, e que lhe rendeu o Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura em 2008.

CARTAS RECEBIDAS
POR LUIZ VILLELA

"Pela presente, estamos acusando o recebimento da revista Estória, que muito nos agradou, principalmente pelo espírito novo e inquieto que bem demonstra."
(Iaponan Di Soares, do mensário Ilha, Florianópolis, 25 ago. 1966.)

"Mocidade, mocidade: estou tão habituado com a merda que se vem fazendo no Brasil em matéria de conto, que a leitura de vocês me deu lágrimas nos olhos."
(José Edson Gomes, Rio de Janeiro, 16 set. 1966.)

"Tive o prazer de travar contato com Estória 4. Gostaria - se possível - de ler as três primeiras, bem como receber as que forem editadas posteriormente."
(Jaime Rodrigues, da revista Cadernos Brasileiros, Rio de Janeiro, 29 jun. 1967.)

"Através o amigo Erthos A. Souza, aqui na Bahia, tomei conhecimento da revista que vocês publicam aí em Belo Horizonte, com o nome de Estória. Devo lhe dizer que gostei muito dos trabalhos de vocês (você e todo o grupo a que pertence) e gostaria de manter correspondência amigável com toda a turma, desde já pondo-lhes às ordens para publicação um suplemento literário que aqui dirijo, no Jornal da Bahia. É um suplemento do que temos de melhor e mais novo, no momento em Salvador. Gostaria, também de receber regularmente Estória, não só daqui por diante, como também os números editados, já que o Erthos apenas mos emprestou e não me quis dar (e com razão). Peço-lhe dizer-me por quanto sairá tudo, pois sei que quem trabalha de graça é relógio e espero ser atendido. Além do mais, é preciso dinheiro para que vocês continuem o trabalho de vocês. Em meu suplemento darei uma nota sobre vocês, no próximo domingo. E, brevemente enviar-lhes-ei uma mostra do que seja ele."
(Humberto Fialho Guedes, Salvador, 18 jul. 1967.)

"Creio que é a si que devo o envio do nº 4 de Estória... Não tive tempo ainda para ler todos os contos ali registrados, mas não quis aguardar para dizer-lhe o quão feliz achei a ideia desse tipo de divulgação daquilo que se está escrevendo no momento... Parabéns, portanto, a todos vocês que estão construindo a Estória... Para um estudo de conjunto da novíssima ficção brasileira que tenho programado para breve, essa série poderá ser-me de grande auxílio... Seria possível eu conseguir os números anteriores? E também os que forem saindo? Muito grata pela providência que você puder tomar a respeito..."
(Nelly Novaes Coelho, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo, São Paulo, 31 jul. 1967.)

"Vocês da Estória estão de parabéns pelo trabalho desenvolvido na nova ficção mineira."
(Miguel Jorge, Goiânia, 12 set. 1967.)

"Conte-me como seguiu até o o 4º número com Estória. É um feito, sabe, aqui entre nós, que nunca se vai muito além dos dois ou três primeiros números. Qual a tiragem da revista, como a distribui, como a vende?"
(Eliza Barreto, da EdInova, Rio de Janeiro, 27 set. 1967.)

"Gostaria de receber - sendo do interesse de vocês, é claro - um ou alguns números de Estória. Primeiro porque estou estudando a possibilidade de uma nota [na Última Hora-São Paulo] sobre vocês aí, mineiros e ficcionistas. Segundo porque, atendendo a uma tradutora da Tcheco-Eslováquia (Pavla Lidmilová), gostaria de enviar um ou mais números variados de Estória para aquele país."
(João Antônio, São Paulo, 5 maio 1968.)

Belo Horizonte, 22 de agosto de 1965.

Sérgio:

Está bom?

Parece que dessa vez a revista sai mesmo. Aquê-
le projeto que fizemos aí evoluiu para um outro, tipo bro-
chura, com capa, que será feita por um amigo de Zé Renato.
Vai ser impressa aqui mesmo. Vai ficar mais barato: uns oi-
tenta contos. Não sabemos ainda a quantia exata, assim que
soubermos te avisarei para você mandar sua parte de dinhei-
ro. Seremos seis: você, eu, o Xará, Wanda, Fernando, e o
Zé Renato. Vai ficar muito boa se sair como esperamos.

Pus lá o seu conto (um de cada) A "Carne no Cal".
Achei êsse melhor; os outros também acharam. Em todo caso,
se houver alguma objeção, escreva que ainda é tempo.

A revista não vai mais chamar-se "Ficção", por
causa de uma revista com o mesmo nome que vão lançar no
Rio êsse mês, ou que já lançaram, não sei. O nosso nome
estava escolhido há muito tempo, mas agora, como a nossa
revista só sai no mês que vem, fica chato conservá-lo, por
causa da outra. Propus o nome de "Estória". Todos acharam
bom e o nome foi aprovado. "Estória" será portanto o nome
da revista. Se você quiser ir fazendo propaganda aí, pode
ir mandando brasa, aí e nas cidades vizinhas, Uberlândia,
Uberaba, onde você quiser. "Estória" só não sairá mesmo
com muito azar. Os linotipos já estão sendo feitos.

Outra coisa: não vai ter mais apresentação. Nem
do Afonso Ávila, nem nossa, nem de ninguém. Só os contos.
Só. Tôda liberdade ~~para~~ ^{ao} leitor: para gostar ou para ~~gostar~~ ^{não}
~~gostar~~. Acho que foi uma decisão muito boa.

Recebi a "Câmara Lenta" com o meu conto. Obrigado.
Bom, qualquer coisa, escreva.

Um abraço do

Luiz.



Sérgio Danilo, José Márcio Penido e Luiz Vilela, no lançamento da Estória 5, 1968.

ADÁGIO LAMENTOSO

LUÍS GONZAGA VIEIRA

A solidariedade, e o profeta falando. Acende o cigarro por descuido e oferece a glória, o modo de glorificar os outros na primeira esquina desassombrada.

— Aquela moça!

— Aquela moça? acertou.

O estandarte nas mãos do guindaste. E o rosto triste do homem que, no balcão, brincava com a gota d'água, o rosto meio tombado e a marca no bolso da camisa.

— Olha o cafezinho.

Uma coisa triste, começou ele, é quando inesperadamente. A depressão vinha do terreno onde o ônibus pisava. A moça pediu desculpas. Não sei o nome da moça. Nunca encontrei essa moça, minha memória nunca encontrou essa moça. Ela virou o rosto e pediu desculpas. Não foi nada, ele disse. Ele disse:

— Não foi nada.

Não foi nada, a moça desconhecida. Conhecia moças com nomes, e amigos com nomes. Eu chego e peço. Você diz “Eu gosto muito de você”. Eu gosto muito de você? O teu corpo, o teu, tudo. E ele vê, com o tamanho grande dos olhos. A noite e as crianças, eu não vou casar somente pra ter filhos, não. Todas as pessoas no passeio, repisando sempre uma coisa. Era uma vez a juventude, era uma vez, uma única vez. E chega, o passeio exalando pessoas fúnebres, a banda de música. E disse um nome feio, o nome mais feio que conhecia. Aliviado, a depressão comprimida até o livro seguinte. E as pessoas me desejavam feliz natal e próspero ano novo.

— Alguma coisa, pelo amor de Deus!

Tudo era possível. Minha criança tinha 30 anos, e todo o meu cansaço. Quando quis

explicar o meu cansaço e a minha criança de 30 anos, a criança nasceu fraquinha mas bonita. Sei que por uma fatalidade qualquer, não existiu fatalidade alguma, apenas esse meu gesto de oferecer e de pedir. Um verdadeiro poema, mas uma coisa honesta.

— Você tem um nome que me incomoda mais do que você.

— Então batizou e disse o nome.

— Mas que diga, pelo amor de Deus, que fale alguma coisa, mas que seja alguma coisa. Que eu diga com palavras só o que a palavra pode.

A cidade onde eu moro e sofro, onde os outros moram e sofrem. Este é o primeiro dia e a primeira certeza. Se descubro tristeza em palavras, então eu disse nada.

— Por outro lado.

Marina com a ressurreição dos mortos, e todas as pessoas que eu conheci. Ninguém me nota, a calça costurada, a camisa branca.

— E eu vi, juro que vi, não sei se é ela.

Não sei se ela me compreende, quero dizer, não sei se ela sabe como uma pessoa precisa da outra. Quebrados os gestos, eu invoquei a divindade em forma de Esperança, era a minha última e mais recente descoberta.

— Você sabe perfeitamente.

— E eu sei a inutilidade que nasce com a gente, gruda na gente como carrapato. E sei depois que é assim mesmo, que é assim mesmo, ter consciência da própria condenação. Mas onde estão as pessoas? reclamava meu amigo. Olhei os prédios, olhar aquilo era a minha forma. Meu Deus Todo Poderoso, NÃO É LITERATURA O QUE EU ESCREVO. Eu não tenho certeza de nada, ele me disse chorando.

— Sim, o dinheiro compra tudo.

— Então me compra um pouco de tranquilidade, por favor.

Gozadíssimo, disse minha cunhada. O calor, grande. Quero morrer, não, não quero morrer. Quero. Quero o quê? Quero uma estátua de pensador, nua, a mão direita segurando o queixo, e com os olhos gravados na terra. E com os olhos gravados na terra. E com os olhos tristes.

Estalou o dedo e disse:

— Sei! Agora sim.

Um milhão de habitantes e 70 anos de idade. Eu vou pra minha casa, os outros vão pra casa deles. Eu tenho uma história, os outros têm uma história. As pessoas se amam, quer dizer, um corpo atrai, os filhos. Pedi pra ele contar a história que eu escreveria. Ele me conta, mas que eu não escrevesse. Que eu não escrevesse nada, que tivesse coragem para não escrever nada.

— Viu uma criança? A fragilidade dela?

Que eu tivesse coragem para não escrever nada, nem coordenar. O cigarro não me envenenasse o cérebro e eu fosse inóspito, princípio de choro na garganta longe dos homens. Chorar?! O mundo não merece.

— Já sei o resto.

Você me quer para casamento, eu sei. Eu ficar a vida toda perto de uma pessoa se não aguento ficar nem perto de mim que me amo tanto!

Eu que me amo tanto nos outros. Wanda, perdão! Eis-me em ritmo de samba lírico, bossa por excelência. Não quero contar uma história não vou contar uma história não.

Quase morreu de rir, a moça chamava-se Madalena e era dos tempos de Cristo. Um grande sujeito, por sinal, mas avacalhou tudo. Hoje temos os apóstolos e os santos, e todas as heresias. A torneira regava o tanque, as flores amavam o vento, eu ajeitava meus óculos. Queria dizer uma coisa enorme. — Você sabe o que é uma coisa enorme? Você não sabe o que é uma coisa enorme. Estou com enjoo no estômago de tanto fumar e por causa do calor que vem das pessoas aqui perto de mim.

— Mas que isso?! ninguém está te obrigando. Ele suspirou quase exausto de tamanho esforço: eu não quero contar uma história. Como se contar uma história fosse tentação do diabo. Setenta por cento das pessoas passavam fome.

— Não, isso é coisa de livros!

Ruas cheinhas de pessoas, como se eu abraçasse todo mundo e todo mundo me odiasse.

— Uma caneta de pena de ouro a lei áurea.

Eu sou eterno, chego! O pau de fósforo no cinzeiro, exato, imediato nos meus olhos de vidro, eu estou cansado, simplesmente cansado, e olho as pessoas cansadas, as ruas cansadas com prédios indiferentes. Eu preciso fazer é um exame de vista, penetrar nos olhos de uma criança.

— Os olhos de uma criança não resolvem meu caso.

— Uai! você agora tem caso?

Quase morreu de rir, a moça chamava-se Madalena e era dos tempos de Cristo. Um grande sujeito, por sinal, mas avacalhou tudo. Hoje temos os apóstolos e os santos, e todas as heresias. A torneira regava o tanque, as flores amavam o vento, eu ajeitava meus óculos. Queria dizer uma coisa enorme.

— Você sabe o que é uma coisa enorme?

Você não sabe o que é uma coisa enorme. Estou com enjoo no estômago de tanto fumar e por causa do calor que vem das pessoas aqui perto de mim.

O sangue saía da boca, dos lábios feridos, e a tristeza do corpo estava nos olhos, como se os olhos é que sangrassem. Todo dia ela foi ao cemitério, no começo deve ser difícil acostumar, a manjedoura, os médicos, os risos que não vinham de dentro, espetáculo! coitada não? Nem que você tenha de largar tudo.

— Quem é que falou isso?

— Ela.

Morreu dois dias depois, morriam dois dias depois. Eu sei que vou morrer. Eu sei que vou morrer? Mas o mundo sem mim. O mundo sem você.

— Nós temos apenas alguns anos, e eu não sei o que fazer de alguns anos, não sei nada. Mas é sério mesmo, não sei nada. Se você me amasse, que faria eu depois? Mas depois, não existe depois. Mas eu não tenho certeza de

você nem você tem certeza de mim. Uma tristeza desgraçada. E se eu repetisse que é uma tristeza desgraçada, você não ficaria sabendo. E de que adiantaria você ficar sabendo? Alguma coisa adianta? Não, não é possível, alguma coisa adianta, senão.

Eu sou o centro de um sistema, se eu acabo o mundo desmorona. Mas eu não acredito, eu acredito na esperança. Nos joelhos da moça e nas pernas da moça. Mas as pernas da moça. Eu só poderei amar você se você for a minha melhor amiga. A sua mãe que morreu (todas as mães morriam).

— Eu preciso trabalhar, eu preciso sustentar a mulher.

Eu sou uma elite EU SOU UMA ELITE? Eu sou eu, eu sou o que sou.

A embriaguês. O amor embriagava como qualquer bebida, aqueles três tipos de lógica.

— Mas eu preciso trabalhar, meu Deus!

As mãos choravam no rosto. As árvores, tão minhas amigas, verdes, o vento balançava.

Fui com a moça, a moça me levou. Senta aqui. E depois? Hoje é depois, e vocês certamente estão pensando em filosofia.

A barata era um bicho nojento porque o meu sapato esmagou. Faltam 15 minutos para a meia-noite e há muitas pessoas que são felizes. Lá de cima do prédio eu fico olhando os carros e procuro um pedaço de perna descoberta dentro do carro. Meus olhos precisam de pernas e de paisagem, meus olhos têm sentido estético. A semana tem sete dias, com variações. O corpo é bonito, muito bonito. Mas bem menor que o meu cansaço, que o meu desânimo. Chorar! Um homem que chora, como se todos os gestos já tivessem sido cometidos, todos, e só restasse o cansaço das coisas, o meu cansaço nas coisas. As palavras merecem o esforço de uma noite, e a falta de habilidade com que dois animais se tocam, com que dois animais de estimação se tocam.

— Se você chegasse e dissesse pra mim. Não, eu não quero atrapalhar a vida de ninguém.

Tudo o que acontece com os outros foi um acontecimento de amor, mas é uma coisa fabricada. Minha sobrinha morreu bem pequena ainda. Olga é um nome que conheci na escola primária, comprando presentes para o natal.

Ele gritou:

— Eu — gostaria — de — não — ser — tão — feliz — a — ponto — de — ficar — ficar — assim — tão — angustiado!

A noite recebeu o grito, vale dizer, ninguém recebeu o grito. Preparei tudo do melhor modo possível, e NINGUÉM APARECEU. Eu não esperava ninguém mas, mesmo assim, eu esperava que alguém aparecesse. Porque eu acredito no meu deus Sísifo. Pensei que, pelo fato de ter tamanha boa vontade, essa minha boa vontade contaminasse os outros. Mas os outros são os outros, e eu fiz uma reverência diante do espelho e me desejei feliz natal. Quero dizer com isso que estou triste e que dispense a caridade do próximo.

Gritou de novo. A mesma coisa. O mesmo espanto idiota. A mesma tristeza era uma palavra bastante usada, porque se eu rasgasse o peito para mostrar a tristeza voaria com a faca. O coração, me garantiu ele, é o modo de reclinar a cabeça, dobrar as pernas e esquecer-se.

A radiola tocava sambas, e a moça tinha calças brancas compridas, o sofá, o pai e a mãe e o filho.

A moça repetiu:

— Dinheiro compra tudo.

Dinheiro compra tudo. E eu continuava cansado, o meu amigo de barba raspada e os outros discos no vazio da poltrona. Quando todos os homens estiverem satisfeitos e alegres. Quando, questão sem tempo.

— O sofrimento dos outros.

O filho de óculos serviu bebida e três cinzeiros. A chuva caía sem desânimo. De noite nascia alguma coisa. As crianças nasciam de noite, raramente de dia. Mas as crianças nasciam mesmo é de noite. Bebeu três copos de cerveja. As palavras rasgavam minha carne como bisturi, o sofrimento era meu, inteiramente meu. Quem é que pode entender um sofrimento que nasce de palavras? desse jeito? a santidade está na desistência. Eu comecei desistindo e expliquei o que entendia por aquilo. A moça continuou:

— A dor não é tanta.

E balançava a cabeça para confirmar. Eu balançava a cabeça em sentido contrário. Os ponteiros verticais, como espada. Coçou a barba. A moça passou dentro do carro, parecia a moça.

Descemos no elevador e esperamos a chuva. À medida que a noite se tornava mais preta, o barulho das coisas criava espaço nos ouvidos. Então, veio a NOITE. O silêncio fecundava ruídos especiais, uma porta rangia diferente.

— Eu quis, por todos os meios.

Me desejava felicidades, sinceras felicidades. Os presentes colocados num canto da sala e esperando a hora da distribuição. Os meninos, pequenos demais para saber. A mesa posta, comprida, cheia de pratos e talheres.

E ninguém apareceu. E eu sabia que não era possível alguém aparecer. Mesmo assim, eu esperava que alguém aparecesse. Mas eu não esperava ninguém. EU NUNCA ESPEREI NINGUÉM.



LUÍS GONZAGA VIEIRA

mineiro de Ouro Fino, reside hoje no Rio de Janeiro. Formado em Jornalismo, foi fundador, além de Estória, de publicações como Texto e Revista Literária da UFMG. Em 1974 publicou o livro de contos Aprendiz de feiticeiro, pela Editora Interlivros.

DR.

OFICIAL PRIVATIVO DO
REGISTRO CIVIL
DAS PESSOAS JURÍDICASRua da Bahia, 1.148 - Conjunto Arcângelo
Maletta - Sala 812 - Fone 4-3878
Belo Horizonte - Minas Gerais

OLIVA



CERTIDÃO

O Bacharel JERO OLIVA, Oficial Privativo do Registro Civil das Pessoas Jurídicas desta Comarca de Belo Horizonte, Capital do Estado de Minas Gerais, em pleno exercício do cargo, na forma da lei, etc.

CERTIFICA, a requerimento verbal de parte interessada, que revendo em seu Cartório o livro B-1, às folhas 64, sob o número de ordem 396, datado de 26 de março de 1968, encontrou o registro do teor seguinte: "De conformidade com a lei 5.250, de 9 de fevereiro de 1967, e em cumprimento a despacho do M.M. Juiz de Direito da 1ª. Vara Cível, Dr. Ruy Gouthier de Vilhena, datada de 21/3/1968, exarada em petição que lhe foi apresentada, fica registrada a Revista denominada: "ESTÓRIA", de propriedade de Luiz Junqueira Vilela, brasileiro, solteiro, maior, residente à rua Sergipe, 250, - apto. 22, Secretário do Curso de Filosofia da FAFI, - Carteira nº 547.404, em Belo Horizonte e Luiz Gonzaga Vieira, brasileiro, solteiro, maior, Jornalista, - Carteira nº 463.777, residente à rua da Bahia, 478, - apto. 202, nesta Capital. A redação e administração funcionarão à rua Sergipe, 250, apto. 22. Funcionará como redator chefe o Sr. Luiz Junqueira Vilela, acima qualificado. Não tendo Oficina Impressora própria, a Revista será impressa na de propriedade de "Gráfica Editora do Livro S/A.", situada à rua Prefeito Olímpio de

Melo, 1.460, Rio de Janeiro -GB. Requerentes e apresentantes: Luiz Junqueira Vilela e Luiz Gonzaga Vieira. - Dou Fé. Belo Horizonte, 26 de março de 1968. Eu, (a) - Jero Oliva, Oficial, Subscrevi e assino: (a) Jero Oliva. O referido é verdade, do que DOU FÉ. DADA E PASSADA nesta cidade de Belo Horizonte, aos vinte e seis dias do mês de março de mil novecentos e sessenta e oito. . . . Eu, Jose Nadi Meri, Sub-Oficial do Registro Civil das Pessoas Jurídicas, a subscrevi e assino:

Jose Nadi Meri
Jose Nadi Meri.



BARBA

DUÍLIO GOMES

O carro parou com uma chiada aguda de freio e a poeira que as rodas levantaram ficou brincando durante algum tempo junto aos pára-lamas traseiros.

Mauro largou o volante e virou-se para Ciro:

— Aqui tá bom, né chapa?

Ciro jogou a guimba de cigarro pela janela aberta:

— Tá – riu, olhando para Leno. — E a menina, como vai?

A moça arranhava os braços de Leno, mordia-o.

— Ela é bravinha – respondeu Leno.

Haviam estacionado fora da estrada. A noite espalhava pelos cantos pirilampos e grilos.

— Vem cá, menina – falou Mauro passando-lhe a mão pelo queixo.

— Me larga.

Seus cabelos louros caíam-lhe sobre a testa e ela arquejava. Olhava-os sem medo, os lábios tremendo um pouco.

— Traz ela, Leno – falou Mauro saindo do carro.

Leno colocou a mão sobre a boca da moça, arrastando-a para fora do carro.

— A primeira é minha – falou Ciro.

— Sua uma merda – berrou Mauro. — O carro é meu, tenho o direito de estocar primeiro.

— Okay – falou Ciro, com uma risadinha.

— Tá com medo, moça? – perguntou Leno, baixinho.

Ela o olhou como se não o ouvisse.

— Vem cá, mulher – falou Mauro de repente, puxando a moça pelo braço.

Beijou-a no pescoço e na boca. Depois jogou-a no chão:

— Foi você que topou a carona.

A mulher olhava-os diretamente nos olhos, as mãos crispadas:

— Vocês me pagam.

Ciro riu, olhando para Mauro:

— Você tá ouvindo, velho? Ela disse que a gente vai pagar ela.

— Eu tô duro – falou Mauro, começando a rir.

— Vocês me pagam – tornou a repetir a moça, que nesse instante já tinha os olhos molhados.

Leno adiantou um passo:

— Vamos começar esse negócio logo, gente.

— Tá apressado? – perguntou Mauro virando-se para o rapaz.

Leno enfiou as mãos nos bolsos:

— Não é isso. Tô dizendo é pra gente não ficar assustando ela.

Vamos comer e cair fora.

— Ela não tá assustada – falou Mauro. Depois, virando-se para a moça: — Ou tá? Cê tá assustada, gatinha?

Ela levantou-se de um salto, tentou correr.

— Pega ela – gritou Mauro.

Ciro segurou-a pelos braços, fortemente:

— Aonde é que você ia, menina?

Ela se debatia furiosamente, como um animal ferido:

— Me larga, me deixa ir embora.
 — Não — falou Ciro, mansamente. — Você é muito bonita demais pra cair fora e deixar a gente lambendo dedinho.
 Leno veio para perto de Ciro:
 — Larga ela, também não precisa machucar.
 Ciro largou a moça e agarrou o pescoço de Leno:
 — Ei seu puto, ocê tá do lado dela ou da gente? O quê que há?
 Tá de defesa, é?
 Mauro separou os dois:
 — Vamos com calma — depois, virando-se para Leno: — Sossega, tá? Ninguém vai matar a moça.
 — Ele tá como medo — falou Ciro. — Esse cara tá engrossando o programa.
 — Não é isso — justificou Leno, acendendo um cigarro e fingindo calma. — Só acho que isso de fazer guerra de nervo não dá. Já falei com vocês pra gente comer e cair fora. Pode passar gente por aqui. Se alguém nos pega é um ferro...
 — Olha o cagaço dele — falou Ciro, rindo.
 A mulher os olhava, a veia da testa latejando.
 — Se você quiser pode ir embora — falou Mauro para Leno. — Eu e o Ciro damos conta do recado.
 Leno cingiu os lábios:
 — Não. Eu fico.
 — Então fica quieto.
 Um carro passou pela estrada. Mauro jogou-se com a moça no chão:
 — Abaixem.
 Ficaram estendidos no chão até que o carro desaparecesse na curva.
 — Esse lugar aqui é perigoso — falou Mauro, levantando-se e puxando a moça com ele. — Vamos procurar um cantinho bem romântico aí pro fundo.
 Ciro consertou os vincos da calça, limpou a poeira marrom que se pregara nela:
 — É isso mesmo. Vem, Leno.
 A moça foi empurrada bruscamente:
 — Anda, mulher.
 Em fila embrenharam-se no mato. A moça na frente.



DUÍLIO GOMES (1944-2011)

mineiro de Mariana, dedicou-se ao conto durante toda a sua carreira, com a exceção de uma novela histórica, Fogo verde. Na década de 80 dirigiu o Suplemento Literário do Minas Gerais.

COMENTÁRIOS EM JORNAIS, REVISTAS E LIVROS

"Publicação de nova revista na Capital, *estória*, com "e" minúsculo mesmo. Publicação de gente nova, colaboram no primeiro número Wanda Figueiredo, Sérgio Danilo, José Renato de Pimentel e Medeiros, Luiz Vilela, Fernando Rios e Luís Gonzaga Vieira. Dentro do já velho uso do modernismo, todos os nomes vêm com iniciais minúsculas - talvez para provar que tamanho, ou "medalhões", não são documentos. Peço desculpas aos autores, muitos deles de real valor, como Luiz Vilela por exemplo, por grafar seus nomes de maneira usual. Que não se julguem medalhões por isto."

(Euclides Marques Andrade, "Sete Dias". *O Diário, Belo Horizonte*, 31 de outubro de 1965)

"*Estória* vale como atestado de vida e animação do ambiente literário em Minas Gerais."

(Lívio Xavier, "Revista das Revistas". *O Estado de S. Paulo, Suplemento Literário, São Paulo*, 9 de setembro de 1966)

"De hábitos mineiros, [Luiz Vilela] ficou muito aborrecido quando disseram que a revista que dirige - *Estória* - era uma publicação obscena. Por três vezes teve que explicar à Polícia as diferenças entre literatura e erotismo vulgar."

(Realidade - edição especial: *A Juventude Brasileira Hoje. São Paulo*, setembro 1967)

"A partir de março, *Estória* circula com várias modificações em sua estrutura editorial e gráfica. A nova *Estória* terá uma tiragem de 5.000 exemplares, aumentando a cada edição, e permitirá o ingresso de novos contistas brasileiros."

(Geraldo Morais e Barros, "Nasce uma nova *Estória*". *Estado de Minas, Belo Horizonte*, 28 de março de 1968)

"*Estória*, agora em edição que abrangerá todo o país pelos seus cinco mil exemplares, continua, com mais essa arrancada, a manter a posição de vanguarda na literatura de Minas e do Brasil."

(Angelo Oswaldo, *Diário de Minas, Belo Horizonte*, 7-8 de abril de 1968)

"O grupo tem demonstrado uma consciência muito lúcida da crise por que passa a literatura nacional, crise que se revela principalmente

na noção de que um novo caminho, seja na temática, seja na técnica, deve ser encontrado para a prosa de ficção no Brasil."

(Maria Lúcia Lepecki, "Breve apresentação de jovens escritores brasileiros". *A Capital/Literatura e Arte, Lisboa*, 10 de abril de 1968)

"O conteúdo, como sempre, é bom. Apenas contos."

(Fausto Cunha, "A hora e vez dos contistas". *Correio da Manhã, Rio de Janeiro*, 28 de abril de 1968)

"Já com outra apresentação, circula o número 5 de *Estória*, reunindo contistas mineiros, coisa impressa, editada pela Livraria do Estudante, com matéria de qualidade, já de nível selecionado, autores que, conhecidos em Belo Horizonte, começam a ser conhecidos no resto do Brasil."

(Nelson Werneck Sodré, "Momento Literário". *Revista Civilização Brasileira, Rio de Janeiro*, maio de 1968)

"*Estória*, do 1 ao 6, vem cumprindo o papel que se propôs na pesquisa e experimentação do novo conto brasileiro. E reflete, em todos os instantes, o momento brasileiro - de angústia, melancolia e incomunicabilidade."

(Fernando Gomes, "História da revista que veio, viu e está vencendo". *Estado de Minas, Belo Horizonte*, 23 de julho de 1968)

"Quando já se defende que a renovação da ficção brasileira está sendo feita principalmente através do conto, *Estória* - única publicação exclusiva do gênero em todo o país - se impôs definitivamente no quadro da literatura nacional como uma revista de vanguarda formal e temática."

(*As Sextas Estórias dos Novos de Minas*". *Minas Gerais, Suplemento Literário, Belo Horizonte*, 21 de setembro de 1968)

"E é também a partir de uma revista, *Estória* (1965), que se configura uma nova geração literária em Minas, a que neste estudo chamaremos de novíssima. O marco miliário dessa ficção novíssima foi a publicação e a posterior premiação do livro de contos de Luiz Vilela - *Tremor de Terra*, 1967 - em Brasília."

(Fausto Cunha, "Tendência", a geração mineira definida". *Dossiê da Nova Ficção Brasileira. Jornal do Brasil, Livro, Rio de Janeiro*, 21 de junho de 1975)

"Os problemas com a censura em 1968, a dispersão dos autores e a falta de apoio financeiro encerraram a atividade criativa de *Estória*, uma publicação discutida nas mesas dos botequins mineiros, nas portas das universidades, nos suplementos literários internacionais e livrarias."

(Sérgio Danilo, "*Estória, dez anos depois*". *Jornal de Debates*, Rio de Janeiro, 2-8 de fevereiro de 1976)

"Fundador da revista literária *Estória* e posteriormente do jornal *Texto*, Luiz Vilela abria caminho para a sua literatura e a dos seus colegas." (...) "A revista e o jornal acabaram (nenhum resiste), mas deixaram em sua esteira a revelação de grandes autores."

(Lucienne Samôr, Estado de Minas, Belo Horizonte, 12 de julho de 1984)

"Ele [Luiz Vilela] foi o editor de uma importante revista de contos, *Estória*, fechada durante a ditadura." (*He was the editor of an important short story magazine, Estória, suppressed during the dictatorship years.*)

(Irwin Stern, *Dictionary of Brazilian Literature*. Greenwood Press: New York. Westport. Connecticut. London, 1988)

"Hoje, passados 25 anos do lançamento de *Estória*, alguns dos integrantes do grupo com suas respectivas carreiras consolidadas - sentem nostalgia daquele tempo de entusiasmo juvenil."

("Os 25 anos de *Estória*, uma revista que mudou a história do conto mineiro". Estado de Minas, Belo Horizonte, 12 de dezembro de 1990)

"*Estória* produziu apenas seis números. Mas deixara a semente do novo conto mineiro, lançara toda uma geração de escritores e chamara a atenção da crítica nacional para um Estado que depois se tornaria o celeiro do conto nacional. Os "contistas mineiros" são, hoje, uma instituição nacional."

("O novo conto mineiro faz 25 anos". *Minas Gerais/Cultura e Arte*, Belo Horizonte, 28 de dezembro de 1990)

"A mais importante [das publicações] foi *Estória*, que teve ressonância nacional e fôlego para seis edições. Outras nasceram com a vocação de um só tiro; *Porta*., por exemplo, coletânea de poesia e ficção onde se lançou Sérgio Sant'Anna — ao lado de Luiz Vilela, a figura mais importante dessa geração."

(Humberto Werneck, *O Desatino da Rapaziada - Jornalistas e Escritores em Minas Gerais*. São Paulo, Instituto Moreira Salles/ Companhia das Letras, 1992)



Luiz Vilela, Moacyr Laterza, Sérgio Danilo e Luís Gonzaga Vieira, 1968.

"Bem distribuído, esse primeiro número de *Estória* foi bastante badalado nos meios literários do país e se tornaria depois uma espécie de cult desse gênero." (...) "O último número de *Estória* veio à luz em 1968. Fechado o ciclo, *Estória* cristalizou-se. Hoje é objeto de estudo, referência na crítica literária nacional e uma das últimas manifestações literárias grupais no estado."

(Duílio Gomes, "*Revista que marcou época*" - "*Responsável pelo lançamento de uma geração de contistas mineiros, Estória completa 40 anos*". Estado de Minas, *Cultura*, Belo Horizonte, 3 de janeiro de 2006)

"Em seus quase três anos de existência [*Estória*] divulgou dezenas de contistas. (...) O ambiente físico, moral e político em que os jovens dessa geração chegaram à cena, na Belo Horizonte dos anos 1960, ganharia tratamento ficcional no romance de estreia de Luiz Vilela, *Os Novos* (1971)."

(Humberto Werneck, "*1920-1970: meio século de literatura mineira nos periódicos*". *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, dezembro de 2009)

"Neste período, final da década de 1960 e início da de 1970, circularam várias revistas em Belo Horizonte, a maioria de curta duração, como *Ptyx*, *Vereda*, *Texto*, *Pro-Textos* e *Porta* - a exceção seria *Estória*."

(Luiz Ruffato, "*Revistas literárias em Belo Horizonte*". *Rascunho*, março de 2010)

"Em 1965, um ano antes da criação do 'Suplemento Literário' do Minas Gerais, um dos expoentes daquela geração, Luiz Vilela, criou outra importante publicação, a *Estória*."

(Fabrício Marques, "*Tudo é Estória*". *Uma cidade se inventa*. Editora Scriptum, Belo Horizonte, 2015)

INFERNO

LUIZ VILELA

É meu filho, entende? quando ele era pequeno, eu carregava ele nos braços, brincava com ele. Ele era tão esperto, que até assustava. mas eu nunca iria desconfiar, compreende? eu nunca poderia desconfiar porque era meu filho, meu filhinho que eu carregava nos braços, que vinha correndo me abraçar quando eu chegava do serviço, que me chamava de papá na vizinha mais bonita do mundo. fazia tantos planos pra ele quando ele crescesse, tanta coisa. no começo, no comecinho, que quando recordo, parece até que estou sonhando, nós fomos felizes, mas felizes mesmo. eu não acreditava nisso que chamam de lar, mas eu tive um, era um lar de verdade. depois o que era lar virou inferno, e depois foi sempre inferno, meu filho assim, minha mulher que eu amei tanto um dia e que hoje é mais estranha pra mim do que uma pessoa que eu encontrasse na rua e nunca tivesse visto. ela acha que eu odeio o menino, você acredita? ela até já achou que eu queria matar ele, quê que você quer? quando chego em casa, a primeira coisa que ela faz é procurar ele e trazer pra perto dela, pra eu não encostar a mão nele. ele fica me olhando com os olhos arregalados de medo, como se eu fosse o mais horrível dos monstros, eu, seu pai. Mas não importo mais com isso, já acostumei. só que tem dia que é duro; às vezes chego com vontade de passar a mão na cabeça do menino, como fazia quando ele era menor, só isso, só passar a mão assim na cabeça dele, de leve, num carinho, mas nem isso aquela gata deixa. “você está bêbado.” pra ela eu estou sempre bêbado. Bêbado de manhã, bêbado de tarde, bêbado de noite, bêbado o dia inteiro, bêbado vinte e quatro horas por dia. eu não discuto, não tenho mais ânimo pra isso. a última vez que discuti, enfezei e joguei uma lata nela; errei, a lata pegou no menino e fez um corte no rosto: ele ficou chorando o resto do dia, e até hoje esse choro não me saiu dos ouvidos. estou te contando essas coisas porque você é meu amigo, vai indo

a gente não aguenta; se eu não falar com alguém num dia como esse, eu enlouqueço. No quarto ano de casado, ou no quinto — não lembro direito, minha memória está ficando ruim —, quando a coisa começou a ficar clara pra nós, a doença do menino, teve uma noite que ela me repeliu. entende o que eu quero dizer? ela me repeliu. foi nesse dia que tudo acabou: amor, felicidade, esperança, futuro, tudo; e que eu comecei a beber. fui pra rua e bebi até de madrugada, e de tarde voltei a beber, e de noite, e depois nunca mais parei. agora me diga: quê que você acha que um sujeito, não digo eu, mas qualquer um, qualquer sujeito, podia fazer uma situação dessas, senão começar a beber? você acha que eu ainda estaria vivo aqui se não fosse a bebida? e que eu aguentaria isso, tudo isso, esse inferno, se não fosse a bebida? por que não desapareço, não sumo daqui, às vezes fico pensando. poderia perfeitamente fazer isso, dar o pira pra um lugar onde o Judas perdeu a bota. seria fácil, não teria problema nenhum. e sabe que era até capaz da mulher achar bom? era bem capaz. por que então não faço isso? não sei, pra dizer a verdade, não sei. acho que é porque ela é minha mulher, a mulher com quem eu casei, e ele meu filho, nosso filho; eles precisam de mim. mas não, não é por isso, porque se eu não estivesse aqui, eles acabariam dando um jeito sem mim, a gente sempre dá um jeito em tudo. não é por isso. acho que no fundo não faço isso é mesmo por covardia. ou então por desânimo de tomar uma atitude dessas. pensando bem, quê que eu iria fazer noutro lugar? começar vida nova, como dizem? com a lembrança de um filho doido noutra cidade e da mulher? e com um dinheirinho vagabundo e um fígado podre e um coração que já começou a pifar, e nenhum entusiasmo, nenhuma vontade mais de vencer na vida, nenhum interesse por nada? começar a vida nova assim? melhor continuar aqui no meu inferno, inferno doce inferno, esperando que a morte venha e me traga o descanso. e olha, quer saber duma coisa? eu acho que ela não deve demorar muito não: um dia desses tive um troço, uma dor aqui no peito, que me escureceu a vista e quase me fez cair no chão; uma dor horrível. minha mulher estava perto e disse que eu estava bêbado. coitada, ela já acostumou tanto a achar que eu estou bêbado, que o dia que eu estiver morrendo ela nem vai notar e só vai saber depois que eu estiver bem morto. e vai

ser assim, você vai ver, vai ser assim com uma dor dessas no peito que eu vou bater as botas. a mulher já disse que, do jeito que vai, não passo dos qua-

eu acho que ela não deve demorar muito não: um dia desses tive um troço, uma dor aqui no peito, que me escureceu a vista e quase me fez cair no chão; uma dor horrível. minha mulher estava perto e disse que eu estava bêbado. coitada, ela já acostumou tanto a achar que eu estou bêbado, que o dia que eu estiver morrendo ela nem vai notar e só vai saber depois que eu estiver bem morto.

renta, e as profecias dela costumam dar certo. mas, antes ou depois dos quarenta, pouco me importa. o que me importa são outras coisas. sabe, eu não importo nem se minha mulher não chorar quando eu morrer. eu sei que ela vai chorar porque ela chora à toa, mas não importo nem se ela não chorar. o que me importa é meu filho. minha mulher me xinga, me toca de casa, mas depois que eu morrer ela vai esquecer tudo isso e é até capaz de sentir falta de mim; é até capaz. mas ele não. ele não esquecerá. ele me odeia. meu filho me odeia. você não sabe o quanto isso é duro, ser odiado assim por um filho. você não sabe o quanto isso é duro. ainda mais um filho como ele, doente. se ele fosse normal; mas assim é diferente. ele não compreende, ele não pode compreender que eu tenho de fazer isso, não entra pela sua pobre cabeça. e é isso, entende, é

isso tudo o que eu queria: que ele compreendesse. não pediria a ele que me amasse, ou que me tomasse a bênção, nada; não pediria a ele nem que me chamasse de pai. só queria que ele me compreendesse, compreendesse que sou obrigado a fazer

meu Deus ele está bêbado ele
 está louco ele vai matar corram
 acudam socorro meu Deus inferno
 inferno quem te mandou parir um
 doido perdoai Virgem Santíssima
 nossos pecados acha que vou
 passar a vida inteira preso
 aqui com um doido tenho cara de
 bobo de idiota vem cá doidinho
 vem cá que eu te ensino a fazer
 arte seu cachorro não paizinho
 eu gosto doce não bate não
 eu gosto doce já te ensino a
 gostar bandido

isso, que não há outro jeito, mas que ter de fazer isso me despedaça o coração como se eu morresse uma porção de vezes, e que eu daria tudo pra não ter de fazer isso, daria tudo pra estar noutra cidade, noutra lugar e não ter de enfrentar esse momento, quando ele me olha com os olhos cheios de pavor e de súplica e eu tenho de amarrá-lo com uma corda como se ele fosse um animal selvagem e perigoso e ele me abraça com suas mãos frias e suadas e me chama de paizinho paizinho

piedade Senhor piedade meu pobre filho meu marido bebendo no bar Virgem Santíssima Rainha das

Dores piedade quando o momento chegar força e coragem meu Deus quando esse momento quando ele bêbado ele vem bêbado rosto vermelho olhos inchados querendo matar pobrezinho filhinho do meu coração quando ele chegar bêbado querendo matar ele vai matar meu Deus ele está bêbado ele está louco ele vai matar corram acudam socorro meu Deus inferno inferno quem te mandou parir um doido perdoai Virgem Santíssima nossos pecados acha que vou passar a vida inteira preso aqui com um doido tenho cara de bobo de idiota vem cá doidinho vem cá que eu te ensino a fazer arte seu cachorro não paizinho eu gosto doce não bate não eu gosto doce já te ensino a gostar bandido perdão perdão meu Deus salve rainha mãe de misericórdia a vida doçura esperança nossa salve a vós bradamos os degredados filhos de Eva a vós suspiramos gememos e choramos nesse vale de lágrimas nesse inferno meu Deus por que esse sofrimento por que nascemos qual o nosso pecado a nossa culpa perdão meu coração despedaçado meus olhos chorando noite no quarto escuro ele está acordado pensando amanhã amanhã meu filhinho meu pobre filhinho dorme que o bicho vem pegar papai foi pra roça mamãe foi passear bebendo se ele estivesse aqui me abraçasse seus braços forte peludos chorar no seu peito há quanto tempo meu amor um sonho nunca existiu meu amorzinho minha querida coitadinho lá no fundo do quintal encolhido de medo esperando coitadinho meu filhinho olha ele tem os olhos azuis ele é clarinho puxou o pai eta menino sapeca um pouco demais fora da conta quem sabe se a gente doutor o senhor acha que pode ser a senhora vai observando tudo o que ele faz não poderá ser outra coisa pouco provável a senhora vai observando tudo o que ele faz mesmo as menores coisas quê que você que ser quando ficar grande quero ser louco não pesadelo onde estou pesadelo não posso dormir não posso ficar acordada não quero implicar com sua vida mas ela diz que já viu ele indo lá várias vezes várias noites isso é boato minha filha ela jura que viu cada um carrega sua cruz Deus prova as almas que ele mais ama não foi uma noite só vi várias vezes posso jurar se fosse você não quero implicar com sua vida começa assim quantos casos desses você está é com despeito não existe marido melhor no mundo meu amor minha gatinha angorá meu chuchuzinho quem te mandou parir um doido cadela nunca mais juro nunca mais nunca mais ele é nosso filho isso nunca foi meu filho meu Deus sozinha

não me abandone subindo a escada meu pobre filhinho ó meu Deus ajudai-me Virgem Santíssima força e coragem quando chegar a hora bêbado rosto vermelho olhos inchados quando ele chegar quando ele aparecer na porta

não, mãe, não deixa o pai me levar não, não volto pra lá mais não, não volto não, não deixa ele me levar não, eu não gosto do pai, ele é ruim, ele me bate, ele grita comigo, ele me puxa o cabelo, não deixa não mãezinha, eu gosto doce, eu te dou um beijo, eu não faço ocê chorar mais não, não quebro os vidros mais não, não mato galinha mais não, mais nem uma galinha mãezinha, juro, mais nem uma galinha, não bato nos meninos, não dou aqueles gritos, mãezinha, ô mãezinha, tá escutando? não faço ocê chorar mais não mãezinha, ocê não chora mais não, eu te dou um beijo, te dou um beijo assim, é beijão! pra que ocê tá escondendo a cara? ocê vai chorar? mas eu gosto doce mãezinha, eu tou falando que gosto, eu não gosto é do pai, ele quer me levar pra lá, ele me bate, grita comigo, ele é ruim, um dia vou enfiar o facão na barriga dele e o sangue vai esguichar bonito, e eu faço xixi na boca dele, faço xixi dentro da boca dele, mas doce eu gosto mãezinha, eu só gosto doce, ocê faz sopinha pra mim, ocê faz cosquinha no meu pé, faz uma cosquinha aqui mãezinha, faz, olha, já ranquei a botina, por que ocê não quer fazer? por que ocê tá fazendo bordado, é? ocê vai chorar? não chora não mãezinha, eu te dou um beijão, rê rê, eu gosto de morder sua cara cheirosa, deixa eu pegar no seu mamá, seu mamá é maciinho, não mãezinha, não me bate não, por que ocê quer me bater? ocê não gosta de mim mais não? não sou seu filhinho mais não? auuuuu, auuuuu, vou latir até de noite, ocê não gosta mais de mim auuuuu, auuuuu, auuuuu, vou enfiar o espeto no olho, vou beber veneno, vou pular lá de cima do telhado e virar vento pra ninguém mais me pegar, auuuuu, auuuuu, tou brincando mãe, tou brincando, não chora não, eu gosto doce, eu não gosto é do pai, ele quer me levar pra lá, não deixa não mãezinha, eu sou seu menininho, eles me põem na cadeia, me amarram com corda igual bicho, eu não sou bicho mãezinha, não sou cachorro não, grrrrr,

grrrrr, grrrrr, eles acham que eu sou cachorro de verdade, rê rê, faço assim pra eles pensarem que eu sou cachorro e fiquem com medo, não deixa não mãezinha, eles me batem, eles me deixam no escuro, eu tenho medo do escuro, e os homens de avental, e os homens de avental dão choque, eu tenho medo, e o pretão, ele falou que vai me capar, que vai pôr eu junto com a Mundinha Doida pra ela morder meu, nanão mãezinha, não deixa não, eu alá lálá vem o pai os homens não deixa não mãezinha eu gosto doce eu te dou um beijo eu gosto do pai também eu gosto doce paizinho não me leva não não me leva pra lá não eu gosto doce eu deixo ocê me bater puxar o cabelo não grito mais não eu fico bãozinho me leva não eu gosto doce não deixa não mãezinha não vou não me larga paizinho me larga fedaputa!



LUIZ VILELA

mineiro de Ituiutaba, é autor de quase duas dezenas de livros, entre romances, novelas e contos. Seu livro mais recente é o *Você Verá*, de contos, premiado pela Academia Brasileira de Letras como o melhor livro de ficção publicado no Brasil em 2013.

LEMBRANÇAS DOS PIONEIROS DA REVISTA

LUÍS GONZAGA VIEIRA:

"Como toda publicação que não tem ajuda de ninguém e que só conta com o entusiasmo e 'idealismo' de poucos, Estória foi uma revista feita dentro das mesmas dificuldades de tantas outras. Não era novidade alguma o que estávamos fazendo, mas era, assim, uma espécie de continuação das lutas passadas de outras gerações, um novo atestado de teimosia e obstinação. Era esse fato simples, embora cansativo, de escritores se afirmarem como escritores, enfrentando todas as consequências do gesto assumido. Tudo isso era feito sem maior alarde, sem estardalhaço, sem poses, embora com certa raiva e desencanto por causa da pouca receptividade de movimentos como esses. Aliás, isso é o que geralmente acontece com escritores iniciantes de qualquer país, conforme pudemos verificar na época, com a correspondência que Estória mantinha com movimentos literários de várias partes do mundo, como América do Sul, Estados Unidos, França, Bélgica, Alemanha, Tchecoslováquia, Portugal, Espanha e México, entre outros."

("A Revista". Do livro, inédito, Tempo e Literatura.)

LUIZ VILELA:

"Estória foi um importante momento do conto mineiro e, por extensão, do conto brasileiro. Apesar de suas limitações materiais e de ter durado apenas seis números (se bem que a maioria das revistas literárias não ultrapassa o número 3), sua influência nos meios literários do país foi marcante, o que atestam os mais conceituados críticos da época. À Estória creio que se pode em parte atribuir a fase áurea vivida pelo conto no Brasil nas décadas de 60 e 70. Seu nome, na ocasião, foi além das fronteiras nacionais: uma revista americana, especializada em pequenas publicações, considerou-a a melhor publicação literária da América do Sul.

Estória era um grupo apenas no sentido de pessoas que reuniam seus esforços para publicar uma revista. Não tínhamos, nem nos interessava ter, nenhuma plataforma estética. Era cada um com a sua visão de vida e a sua literatura. A liberdade de expressão era total. Para publicar em Estória a única exigência era que o conto fosse bom. Ah, sim, e que, além do conto bom, o sujeito tivesse também uns bons contos no bolso, pois tudo era pago por nós mesmos, os autores.

Estória morreu de morte natural. Alguns dos que a faziam mudaram-se de Belo Horizonte, ficou difícil fazê-la e então ela deixou de ser feita. Não houve, depois dela, em Minas, outra revista com a sua importância, e hoje simplesmente não há mais revistas literárias.

Nos 25 anos de Estória, e na condição de quem teve a ideia de criá-la, de quem a dirigiu e participou de todos os seus números, eu gostaria que a data servisse para algo mais do que um mero tinir

de copos: uma reflexão sobre o nosso momento literário. Reflexão que poderia começar com uma pergunta: onde estão os jovens escritores mineiros de hoje?..."

("Há 25 anos nascia Estória". Estado de Minas, 12 de dezembro de 1990.)

SÉRGIO SANT'ANNA:

"Sendo um jovem leitor voraz, eu sentia necessidade de uma aproximação com jovens leitores e escritores, principalmente que prezassem as inovações. Pois já conhecia Affonso Ávila e Henry Corrêa de Araújo, poetas e críticos de vanguarda. Topei com a revista Estória 2 numa banca de jornal, comprei-a e vi: era exatamente aquilo que eu queria. Então o Henry me apresentou ao Luís Gonzaga Vieira e este ao Luiz Vilela. O conhecimento deles me animou a escrever e acabei por rascunhar um primeiro conto para um concurso da Faculdade de Direito, onde eu estudava. Tirando um segundo lugar (Humberto Werneck foi o primeiro), animei-me bastante para seguir em frente. Meu primeiro conto publicado, 'Lassidão', o foi no Suplemento Literário do Minas Gerais, mas eu já havia entregado ao pessoal da Estória o conto 'Reinvenção de Lázaro', que saiu na Estória 4. Considero esses contatos e a oportunidade determinantes para que eu me tornasse de fato um escritor, o que sou até hoje."

(Rio de Janeiro, 30 de março de 2015.)



Sérgio Sant'Anna, Luís Gonzaga Vieira e Luiz Vilela - 1969

O OLHO DA MULHER



LUCIENNE SAMÔR

O pai, sentado na poltrona, olhava-me com o olho insano e dizia: largue a enceradeira, hoje não é dia disso. Hoje era sexta-feira da Paixão. Eu quase largava tudo aquilo, mas precisava deixar a casa limpa e isso era um dever. Arrumava tudo às pressas e escondia-me do pai com o olho insano. Não queria vê-lo mais, aquele olho fazia-me mal, o seu testemunho e a sua nudez despiam-me e então eu sentia ódio do pai. E sentir ódio era ruim, fazia mal à gente, me dava aqui dentro uma espécie de empanturramento que me fazia abreviar as refeições. Eu não queria, mas sentia ódio do pai, um ódio tão imenso que sabia que esse ódio me destruiria um dia se eu não soubesse prendê-lo e matá-lo. Mas não queria ou não podia. De certa forma era bom odiar. Dava força à gente, vontade de viver, de lutar. Era a dor que os outros nos jogavam.

O pai continuou a olhar-me com o olho insano, feio, grande e resignado. Eu via e me escondia: o olho me despia. Fugia pela casa, queria esconder-me tanto que nunca me achassem. Mas a casa era pequena, os cômodos, nus e ausentes, tinham qualquer coisa de despercebido, de acaso, de cúmplice no agrupamento daquela gente. E ficava ali vigiada pelo olho, tomada pelo olho e tinha nojo, nutria nojo como se a minha vida inteira fosse sentir náusea. E queria fugir da minha própria consumação carnal, como se assim pudesse fugir de toda a dor que existia e atuava. Mas não sabia fugir, não tanto que pudesse ser inatingível. Ficava, então, restando pela casa, pelos dias, sumindo tempo adentro, me perdendo e me matando viva.

Fugindo, fugindo sempre, sem ter a água que equilibre a sede, sem ter o pão em muda e patética beleza. E era só a mulher que restava. Ausente de mim mesma morria por etapas. E agora, tentava a ressurreição,

tentava arrancar com a mão forte toda a vida, que ficara tímida e retraída em meu recesso. Tive medo da emoção gasta e vulgar. Sim, tive medo, é que não sabia, não sabia que não era assim. Mas como poderia saber se o olho me vigiava dia e noite? Toda a minha vida fora fugir desse olho e se agora as outras coisas passaram, não tenho culpa, não dessa culpa gritante e covarde que o povo me acusa. Mas o povo é outro insano e gasto. Está se acabando e morrerá também, mas de mim não terá mais a lágrima vertida no choro vencido e difícil.

Hoje foi um dia, amanhã não será mais. O hoje será amanhã passado, mas em mim nada é passado. Os fantasmas agrupam-se, acotovelam-se como uma multidão louca e passional e tentam ainda agarrar-me quando só fugir interessa, fazendo com que o tempo passe e que tudo seja distância mal percebida, vaga, morna e fosca. Eu quero dizer amanhã que tudo morre ou morreu. Não quero ser a consciência viva desse olho. O meu tempo de vida é curto para que eu ramifique tantas vidas e viva por elas.

Mas eu ainda tentava fugir. Ia à igreja e via-me seca e sem emoção a fitar com olho crítico as imagens. Eu não conseguia dar-lhes o toque divinal, santifical. Antes via o rosto toscamente modelado, a boca feia, a pele macerada e morta e o olho, sempre o olho insano e branco. Fugia dali. Tinha medo. Aquilo projetava em mim a eternidade. Não a eternidade de que falam as beatas, as mulheres idiotas, as velhas babosas e asmáticas. A eternidade que aquilo me falava era a minha própria, a aceitação do olho insano. E não me redimia. Colocava-me como núcleo para que a humanidade inteira passasse e risse.

Descia as escadas da Igreja e era uma libertação. Dali eu via que o que era belo estava proibido de entrar e o místico e o puro ficavam sempre de fora, onde a mão gananciosa do homem não tinha acesso.

Queriam fazer-me ver Deus da forma convencional e burguesa. Eu não era totalmente convencional e nem me considerava de hábitos e ideias acirradamente burguesas.

O povo então que ia à missa, olhava-me com aquele olho traiçoeiro: porque – se todos iam e eu voltava? E não entendiam.

Iam à igreja rezar, na volta me atacavam.

Pervertiam-me e iam rezar; odiavam-me e iam rezar; desprezavam-me e iam rezar. E o padre lá dentro olhava com o olho para o povo que olhava para mim. Mas depois a sineta do sacristão bramia fria e gelada no ar, para o povo tomar o seu lugar: de tementes a Deus.

Eu ficava cá fora e era mais feliz, até onde a minha lucidez permitia ser. E bastava, por ora bastava ao meu cansaço, à minha busca, à minha dor que remoía silenciosa. Eu nunca fora tão idiota ou tão completamente idiota que pudesse acreditar que pudesse ser totalmente feliz, dessa forma estúpida que embrutece os seres. Não. Eu poderia ser feliz com regra, mesmo porque não tinha, não possuía mais emoções de sobra que me permitissem ser totalmente feliz.

Agora, eu tenho que ir à casa mesmo sabendo que o olho insano mora lá. Lá estará o pai sentado na poltrona, calado e quieto. É só um monte de carne e ossos. É que não consigo abranger a palavra pai e dar o seu verdadeiro significado.

Violentaram-me tanto que me deixaram quase ausente. E o pai, sentado na poltrona não tinha para mim aquela força de imanação. Como

olhá-lo? Ele tivera participação na minha vida, mas eu não cria isso de maneira consciente – dele. Achava tudo ocasional, fatal e consumado. Estava feito, fora feito, houve um tempo que estava sendo feito. Era o animal que berrava dentro dele: a besta-fera. E pronto: gera uma vida, gera consciência, gera carência, gera limitação, angústia, medo, violência, humilhação, violação, desrespeito, mesquinhez, casa-comida-sala-quarto-banheiro-televisão-imposto sobre a renda – dinheiro sacado do bolso vazio. O que fazer? É a realidade, muito mais do que aquela que ele apalpou numa noite. Mas eu tenho que prosseguir e se possível fazer o mesmo que ele fez, para que amanhã eu seja o olho insano encravado na órbita do corpo sentado na poltrona.

Ah, a minha alegria juvenil e adolescente que não me permitia ver o olho. Mas passado esse tempo que fora somente risco leve, sem dor e nem injeção de determinado tempo que existir não era propriamente um problema: mas sim, como viver de forma mais frenética e galvanizante. Reter a vida num minuto e que aquele minuto fosse o orgasmo único da vida. E depois morrer, mas sem angústia, sem medo, sem frustração: morrer apenas como um passo que a gente dá para alcançar mais.

Lá está a casa. Lá dentro, suado, velho e cansado o olho baba, incha e desincha. Está triste e vermelho. Arqueja sem som e a cor é a sua característica expressiva. Chego à porta do quarto, arrastada pelo horror do olho insano. O vermelho entorna e caminha lento e lerdo para mim. Agarrada à porta, paralisada de medo, deixo que a baba do vermelho me toque.

Olho para o olho: agora é quase um buraco esvaziado e o vácuo do cérebro já se adivinha. Vejo a órbita feia e escura; quero enfiar o dedo lá, mas tenho nojo da secreção do olho. O buraco não fede, não existe para cartório, o buraco é simplesmente um buraco, não adianta inventar mais nada: nem metáforas, nem filosofias. É só. Mas simplesmente não adianta que o vermelho esteja sob os meus pés e esse vermelho, agora vejo que é sangue, não adianta mais deter a hemorragia: o olho vivia! O sangue já se coagula, endurece, fica vermelho-escuro, está ficando preto, colado ao assoalho. Olho o olho: é só o buraco oco. Tenho vontade de chorar, tenho vontade de rir, de morrer, de acabar com o que resta do olho. Mas não fico parada olhando. Idiotizei-me diante da morte do olho. E a órbita está lá, solene e austera. Não existe a reação que eu esperava se tudo ficou solene e austero. O silêncio do sangue coagulado é insuportável e vejo-os fitando-se inúteis: órbita e sangue. Quero olhar aquela órbita de perto. Um desejo perverso impulsiona-me. Quero ver a coisa morta, o seu mistério, o seu poder que me fazia tremer. Aproximo-me com uma coragem que até me assusta. Olho penetrante e profundamente a órbita vazia. A treva como que poderosa, arrastava-me para si. Mergulho na escuridão do olho e tudo se desvanece, se apaga. Penetrada no vácuo não sou nem corpo mais. Esvaziada de mim, tasteio agora com as minhas mãos mortas aos seres vivos.

LUCIENNE SAMÔR

mineira de Conselheiro Lafaiete, publicou o livro de contos *O olho insano* em 1975, pela Editora Interlivros.



PONTO DE
INTERROGAÇÃO

SÉRGIO DANILO

Ponto de interrogação.

Pai.

Não há pai.

Mãe.

Não há mãe.

Depois do cafezinho o homem sério telefonou para o hospital e para as creches e de língua pendida e agora solta no céu da boca passou a definir a toda altura a solidão inteira da criança doente.

A mão do homem estava quente, cabelo sedoso, aspirando aquele cheiro envidraçado de velhice, colando os olhos à grande mesa oval onde a vazia criança deixava de enxergá-lo pois nada conseguia ver senão um homem incapaz de aproximar-se de um corpo desconhecido.

Mas às vezes, homem profundamente silencioso olhando para a sua aliança no dedo sentia-se experiente e uma certa resignação quanto ao resto. O futuro era horrível. Era proprietário de corpos apressados como este.

Esgotados de uma certidão do começo da vida.

Era demais a angústia, tanto, que aspirava fundo o vento do condicionador de ar. Depois, voltava a deitar-se de mãos cruzadas na nuca perseguindo o choro da criança.

Um colar de couro repartia o mistério do aparecimento desta criança no juizado de órfãos. O que espalhava neste corpo era a vingança e os fracassos de três famílias.

A primeira abastada recebeu o menino: berço de cedro, cortinado de nylon, sentimentalismo.

Os dias vieram. O menino era quase perfeito. Fazia tudo na hora e não possuía mania. Um dia o menino demorou a chorar e quando chorou, chorou por fome. Num terreno baldio, apressados abandonaram o garoto. Cadê os pais que se foram? As sobrelhas franzidas reduziam-no à simpatia e piedade dos passantes. E o berço de cedro, cortinado de nylon, sentimentalismo?

Tudo se foi... Menino abriu os olhos e uma caridosa família da classe média veio e o levou. Berço de couro, lençol bordado, chupeta esterilizada, quadro de anjo da guarda.

Tinham um certo carinho com o novato, de repente praticaram uma caridade diferente, transferiram o garoto para a lavadeira.

E o berço de couro, lençol bordado, chupeta, quadro de anjo?

Tudo se foi... Berço de rede, sem lençol, sem cortinado, sem chupeta foi sua última morada. A velha lavadeira não durou muito, partiu num caixão de terceira classe, deixou a rede e o menino com fome.

Cadê o amor das famílias adotantes?

Ponto de interrogação.

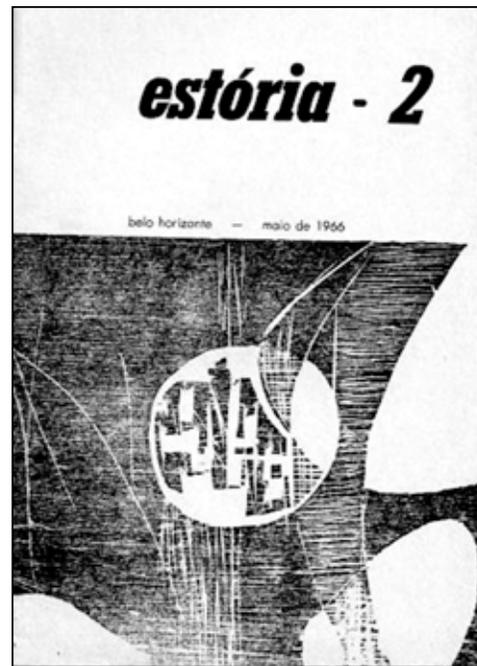
Pai.

Não há pai.

Mãe.

Não há mãe.

Somente o velho comissário poderia traduzir o duplo sentido do abandono; o menino sempre dava por estar com fome e não sabia distinguir as três classes representativas de uma época e que nunca entenderiam sua inocência.



SÉRGIO DANILO

residiu alguns anos em Ituiutaba, depois em Belo Horizonte, e em seguida no Rio de Janeiro, onde veio a falecer. Colaborou com alguns jornais, entre eles *O Sol*, de Belo Horizonte, e o *Jornal de Debates*, do Rio.

ESTÓRIA

de 1 a 6

Estória 1 - Belo Horizonte, outubro de 1965, 24 páginas.
 Capa: xilogravura de Odyla.

Contos:

Meus oito anos - Luiz Vilela.

Conto n° 1 - Fernando Rios.

Sonho de demolir solidão - Wanda Figueiredo.

Amigos - José Renato de Pimentel e Medeiros.

A carne na cal - Sérgio Danilo.

Adágio lamentoso - Luís Gonzaga Vieira.

Estória 2 - Belo Horizonte, maio de 1966, 24 páginas.

Capa: xilogravura de Yara Tupinambá. Desenho de José Renato de Pimentel e Medeiros e xilogravura de Mari'stella Tristão.

Contos:

Domingo à tarde - Wanda Figueiredo.

Segundo movimento - Luís Gonzaga Vieira.

Conto n° 2 - Fernando Rios.

Ponto de interrogação - Sérgio Danilo.

No bar - Luiz Vilela.

Livraria do estudante
 NOSSO PONTO DE ENCONTRO - RUA TUPIS, 85 - LOJA

Estória 3 - Belo Horizonte, dezembro de 1966, 28 páginas.
 Capa: xilogravura de Odyla.

Contos:
Adeus, a Deus as armas - Del Pietro Luigi Antonio.
Inferno - Luiz Vilela.
Mulher - José Renato de Pimentel e Medeiros.
Vagalume - Humberto Werneck.
Viegas Neon - José Márcio Penido.

Estória 4 - Belo Horizonte, maio de 1967, 36 páginas.
 Capa: xilogravura de Marisa Werneck.

Contos:
A posse - H. D. Carneiro.
Insônia - Josadac Matos.
Reinvenção de Lázaro - Sérgio Sant'Anna.
O olho insano - Lucienne Samôr.
O trajeto - Sérgio Danilo.
Amanhã eu volto - Luiz Vilela.
Triângulo escaleno ou o subúrbio da sombra - Del Pietro Luigi Antonio.
Noite - Luís Gonzaga Vieira.

Estória 5 - Edição da Livraria do Estudante, Belo Horizonte, março de 1968, 64 páginas.
 Capa: Getúlio Starling. Fotos: Maurício Andrés.

Contos:
O rodízio - Lucienne Samôr.
Natal em família - Luís Gonzaga Vieira.
Em dezembro - Luiz Vilela.
Diálogo - Mauromárcio.
A luta - Sérgio Sant'Anna.
O senhor esteja convosco - Milton Gontijo.
Os mistério gozosos - Moacyr Laterza.
Romaria - Gilberto Mansur.
O fundo - José Márcio Penido.
Mar - José Renato de Pimentel e Medeiros.
Entre dois copos e uma noite de chuva - Josadac Matos.
A dona - Maria Luiza Ramos e Lucas.
Equilíbrio - Eid Ribeiro.
Sem título - Terezinha Azeredo.
João cidadão livre do Estado de nariz imenso - Sérgio Danilo.

Estória 6 - Edição da Livraria do Estudante, Belo Horizonte, junho de 1968, 64 páginas.
 Capa: Álvaro Apocalypse. Ilustrações: Nemer, Madu, Eliana Rangel, Márcio Sampaio.

Contos:
Uma namorada - Luiz Vilela.
Das vontades irresistíveis - Josadac Matos.
Depois - José Renato de Pimentel e Medeiros.
Vertigem - Sérgio Sant'Anna.
Visgo - José Márcio Penido.
Amor neblina - Moacyr Laterza.
Paternidade - Glória Maria Vilhena.
O intervalo - Sérgio Danilo.
Compromisso - Luís Gonzaga Vieira.
Curra - Duílio Gomes.
A descoberta - Walden Carvalho.
A consciência de Torquato - Jony Bezerra.
Saudade - Manoel Lobato.



SUPLEMENTO



Capa da primeira edição de *Estória*, em 1965.



IMPrensa Oficial
MINAS GERAIS

Governador do Estado de Minas Gerais
Secretário Estadual de Cultura
Secretário Adjunto de Estado de Cultura
Diretor-geral da Imprensa Oficial de Minas Gerais
Superintendente de Bibliotecas Públicas e Suplemento Literário

Diretor
Coordenador de Apoio Técnico
Coordenador de Promoção e Articulação Literária

Projeto Gráfico
Escritório de Design
Diagramação
Conselho Editorial

Equipe de Apoio

Fernando Damata Pimentel
Angelo Oswaldo de Araújo Santos
Bernardo Novais Mata Machado
Eugênio Ferraz
Lucas Guimaraens
Jaime Prado Gouvêa
Marcelo Miranda
João Pombo Barile
Plínio Fernandes
Gíria Design e Comunicação
Carolina Lentz - Gíria Design e Comunicação
Humberto Werneck, Sebastião Nunes, Eneida Maria de Souza, Carlos Wolney Soares, Fabrício Marques
Elizabeth Neves, Aparecida Barbosa, Ana Maria Leite Pereira, André Luiz Martins dos Santos, Daniela Andrade (estagiária)

Jornalista Responsável
ISSN: 0102-065x

Marcelo Miranda – JP 66716 MG

Textos assinados são de responsabilidade dos autores
Acesse o Suplemento online: www.cultura.mg.gov.br

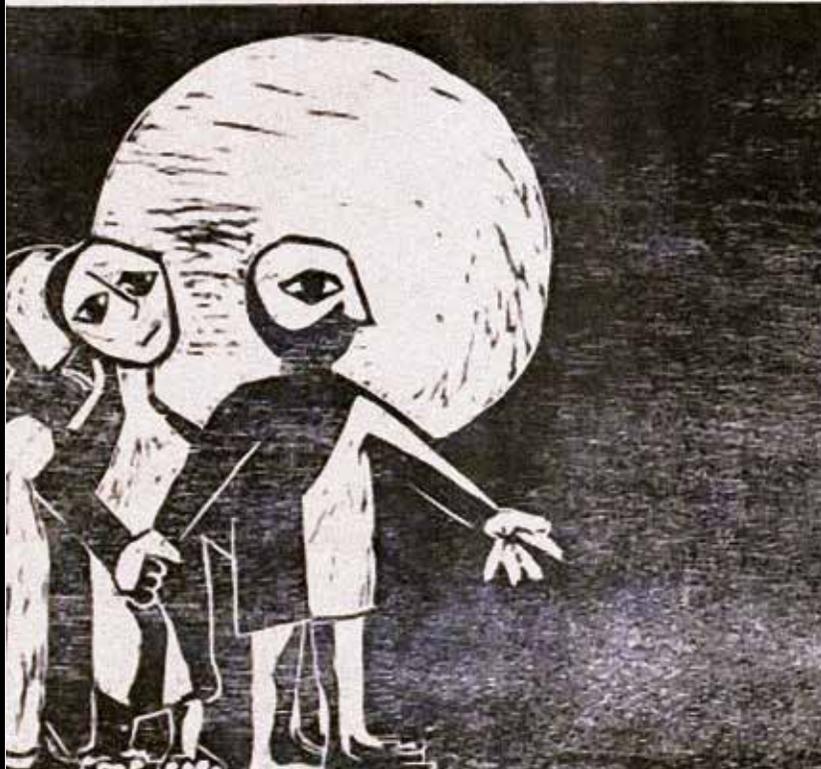
O SUPLEMENTO é
impresso nas oficinas da
Imprensa Oficial do Estado
de Minas Gerais

Suplemento Literário de Minas Gerais
Av. João Pinheiro, 342 – Anexo – CEP: 30130-180
Belo Horizonte, MG – Telefax: 31 3269 1143
suplemento@cultura.mg.gov.br



estória - 4

belo horizonte - maio de 1967



estória.5



estória
6

